

**O PODER DAS DECISÕES PROJETUAIS ARQUITETÔNICAS**  
*na experiência de hóspedes em resorts*

MARCELA FERREIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE **PERNAMBUCO**  
ARQUITETURA E URBANISMO

**O PODER DAS DECISÕES PROJETUAIS ARQUITETÔNICAS**  
*na experiência de hóspedes em resorts*

Trabalho de conclusão de curso apresentado por Marcela Luiza Bezerra Ferreira, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco.

orientadora

**MARIA DE JESUS LEITE**

**MARCELA LUIZA BEZERRA FERREIRA**

**RECIFE, 2022**

Ferreira, Marcela Luiza Bezerra.

O poder das decisões projetuais arquitetônicas na experiência de hóspedes em resorts / Marcela Luiza Bezerra Ferreira. - Recife, 2022.

73 : il., tab.

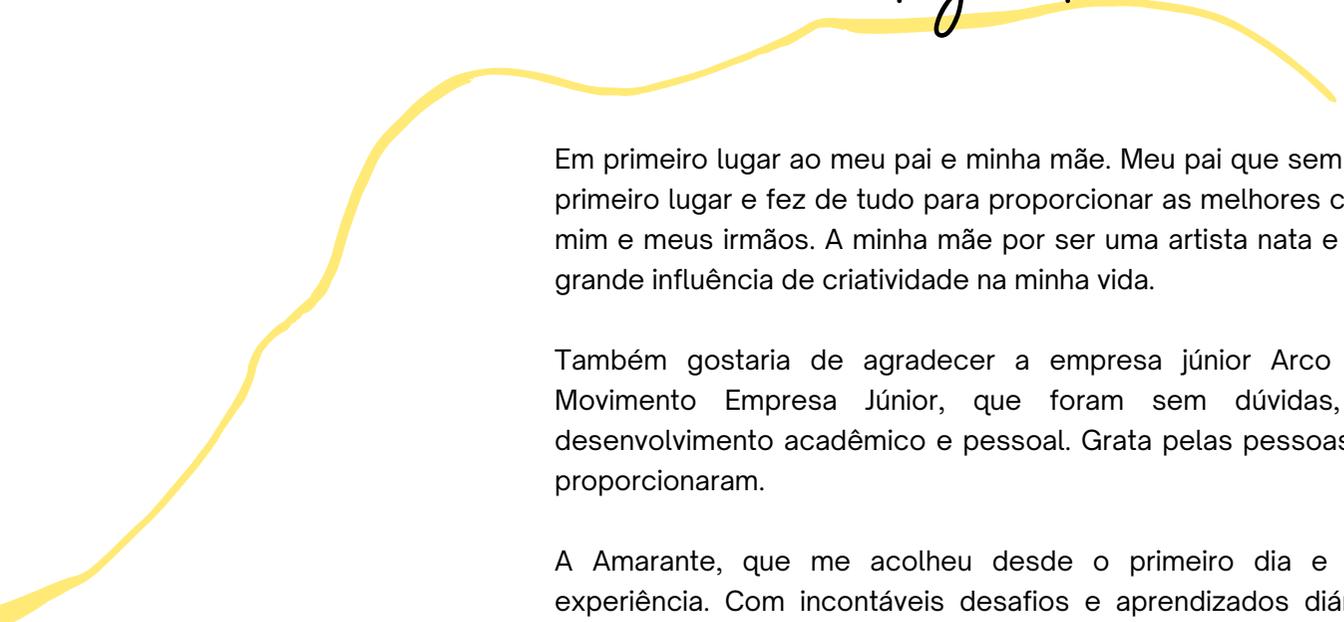
Orientador(a): Maria de Jesus de Britto Leite

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2022.

1. Fenomenologia. 2. Atmosferas. 3. Resort. 4. Hotelaria. 5. Neuroarquitetura. I. Leite, Maria de Jesus de Britto. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

# Agradecimentos



Em primeiro lugar ao meu pai e minha mãe. Meu pai que sempre colocou educação em primeiro lugar e fez de tudo para proporcionar as melhores condições de estudos para mim e meus irmãos. A minha mãe por ser uma artista nata e com toda certeza foi uma grande influência de criatividade na minha vida.

Também gostaria de agradecer a empresa júnior Arco Consultoria e a todo o Movimento Empresa Júnior, que foram sem dúvidas, fundamentais no meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Grata pelas pessoas e oportunidades que me proporcionaram.

A Amarante, que me acolheu desde o primeiro dia e vem sendo uma grande experiência. Com incontáveis desafios e aprendizados diários, me fazendo crescer como pessoa e profissional. Foi dentro dela que me encontrei profissionalmente e finalmente me vi atuando dentro da arquitetura, coisa que acreditei que não iria acontecer comigo.

A UFPE e todos os professores e amigos que trilharam essa jornada comigo. O curso de Arquitetura e Urbanismo não é fácil, mas seria mais difícil se não tivessem essas pessoas para caminhar junto, e por fim, a minha professora orientadora Juju, que foi um grande suporte nessa construção e não desistiu de mim.

# Resumo



O seguinte trabalho de conclusão de curso busca conhecer o universo dos meios de hospedagem, em especial os resorts. Entendendo seu programa de necessidades e relacionando com as diversas especificidades da arquitetura que são envolvidas neste.

Duas óticas teóricas foram estudadas, a neuroarquitetura e a fenomenologia. Ambas foram levadas em consideração para analisar meu objeto de estudo final, o Salinas Maragogi All Inclusive Resort (Maragogi, AL). Ambas as correntes foram essenciais para compreender a forma que os nossos cinco sentidos estão envolvidos na percepção dos ambientes e do mundo ao nosso redor. A segunda corrente teórica esteve mais presente na análise, principalmente por ter me utilizado bastante da metodologia das nove etapas para criação de uma atmosfera de Peter Zumthor.

O resultado final foi muito satisfatório para mim, por agregar uma nova lente em minhas análises e percepções a respeito da arquitetura e compartilhar uma dessas análises através do meu objeto de estudo.

# Abstract



The following course conclusion work seeks to know the universe of lodging facilities, especially resorts. Understanding your program needs and relating it to the various specifics of the architecture that are involved in it.

Two theoretical perspectives were studied, neuroarchitecture and phenomenology. Both were taken into account to analyze my final object of study, the Salinas Maragogi All Inclusive Resort (Maragogi, AL). Both streams were essential to understand the way our five senses are involved in the perception of environments and the world around us. The second theoretical current was more present in the analysis, mainly because I used the nine-step methodology to create an atmosphere by Peter Zumthor.

The end result was very satisfying for me, as it added a new lens to my analyzes and perceptions about architecture and shared one of these analyzes through my object of study.

# Lista de Figuras

Figura 1: Linha do tempo marcos da evolução do setor turístico no mundo

Figura 2: Mosteiro de São Bento - Edifício exclusivo para hospedaria

Figura 3: Vista externa do Hotel Pharoux, RJ

Figura 4: Vista externa Hotel Avenida, RJ

Figura 5: Linha do tempo marcos da evolução do setor turístico no Brasil

Figura 6: Categorias de hospedagem no Brasil pelo SBClass

Figura 7: Categorias de estrelas pelo SBClass

Figura 8: Requisitos para os meios de hospedagem pelo SBClass

Figura 9: Cerebro Triuno

Figura 10: Proporção Áurea em um elemento da natureza

Figura 11: Piscinas Salinas Maragogi

Figura 12: Implantação Salinas Maragogi

Figura 13: Entrada da trilha Salinas Maragogi

Figura 14: Visão das pontes de cima

Figura 15: Foto tirada nas pontes

Figura 16: Planta de implantação do resort

Figura 17: Lobby

Figura 18: Porta de vidro lobby

Figura 19: Restaurante pé direito

Figura 20: Galés iluminação quente e frio

Figura 21: Restaurante Rabo de Galo em Hotel Rosewood, SP

Figura 22: Restaurante Rabo de Galo em Hotel Rosewood, SP

Figura 23: Restaurante Rabo de Galo em Hotel Rosewood, SP

Figura 24: Restaurante Rabo de Galo em Hotel Rosewood, SP

Figura 25: Restaurante Casa da Vovó em Hotel Rosewood, SP

Figura 26: Restaurante Casa da Vovó em Hotel Rosewood, SP

Figura 27: Restaurante Casa da Vovó em Hotel Rosewood, SP

Figura 28: Restaurante Casa da Vovó em Hotel Rosewood, SP

Figura 29: Segmentação da área de piscinas

Figura 30: Piscinas infantis

Figura 31: Piscinas infantis

Figura 32: Piscina+palco

Figura 33: Piscina relax

Figura 34: Piscina relax

Figura 35: Gramado piscina relax

Figura 36: Espaço Cabanos

Figura 37: Bar Espaço Cabanos

Figura 38: Bangalôs da tenda

Figura 39: Pannel pergolado stand Cris Paola

Figura 40: Stand Cris Paola

Figura 41: Almofadas stand Cris Paola

Figura 42: Localização bloco Vitória Régia

Figura 43: Paisagismo bloco Vitória Régia

Figura 44: Paisagismo bloco Vitória Régia

Figura 45: Paisagismo bloco Vitória Régia

Figura 46: Paisagismo bloco Vitória Régia

Figura 47: Unidade Habitacional bloco Vitória Régia

Figura 48: Iluminação Unidade Habitacional do bloco Vitória Régia

Figura 49: Planta baixa do layout dos quartos do bloco Vitória Régia

Figura 50: Pannel ripado dos quartos do bloco Vitória Régia

Figura 51: Paredes WC dos quartos do bloco Vitória Régia



# Sumário

## 01

### Capítulo 1: Introdução

1.1 Contextualização	08
1.2 Justificativa do tema e Relevância	09
1.3 Objetivos	09
1.3.1 Objetivo Geral	10
1.3.2 Objetivos Específicos	10
1.4 Metodologia	11

## 02

### Capítulo 2: Hotelaria

2.1 Contexto Histórico	12
2.1.1 Histórico da Hotelaria no Mundo	13
2.1.2 Histórico da Hotelaria no Brasil	14
2.1.3 Órgãos brasileiros envolvidos na gestão da Hotelaria	17
2.1.4 Categorias na Hotelaria	17
2.1.5 Histórico de Resorts no Mundo	20
2.2 Programa de necessidades de um resort	21
2.2.1 Especificidades das áreas da arquitetura dentro do programa de necessidades de um resort	23

## 03

### Capítulo 3: Neurociência aplicada à arquitetura

3.1 O que é a neuroarquitetura?	25
3.2 Fundamentação teórica	26
3.2.1 O sistema sensorial humano	27
3.2.2 Diversidade de intenções em um resort: Percepção e significância dos ambientes	29

## 04

### Capítulo 4: Fenomenologia aplicada à arquitetura

4.1 Fundamentação teórica	31
4.1.1 O que é a fenomenologia	32
4.1.2 Percepção e sensorialidade	32
4.1.3 O conceito de atmosfera aplicado à capacidade de experienciar os ambientes	37

## 05

### Capítulo 5: Experiência dos hóspedes de um resort

5.1 Correlacionando parte do programa de necessidades de um resort a forma que os hóspedes percebem o ambiente	45
5.1.1 Estudo de caso Salinas Maragogi All Inclusive Resort	46

**Conclusão** 69

**Referências Bibliográficas** 70



capítulo

01

## INTRODUÇÃO

### *Resumo do capítulo*

Para mim, faz muito sentido a escolha de um tema que se relacione com minhas perspectivas e realidade de atuação profissional. Atualmente, estou inserida no meio da hotelaria dentro da área de arquitetura da Amarante Hotéis. A Amarante é a dona e administradora de três resorts e uma pousada.

Em dois anos de atuação na empresa e diversas visitas aos empreendimentos, senti que faltava uma visão menos técnica, através de uma lente que me ajudasse a entender por que todas as vezes que eu estou lá me sinto muito bem, assim como os hóspedes. A lente escolhida para responder esses questionamentos foi a neuroarquitetura e a fenomenologia. Duas correntes de estudos teóricas modernas, a primeira mais recente que a segunda, mas ambas com muito conteúdo a agregar na análise que busquei fazer.



## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Segundo a resolução do Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass), um resort é um “hotel com infraestrutura de lazer e entretenimento, que disponha de **estética, atividades físicas, recreação e convívio com a natureza** no próprio empreendimento”. Quando falamos em um resort All Inclusive, também envolvemos instalações que oferecem **comida, bebida, hospedagem, programas de fitness e spas, entretenimento e compras**, com a vantagem de que os hóspedes não precisam sair do resort após a chegada.

Tendo estas informações em mente, dá para ter uma certa noção da **complexidade arquitetônica** desses empreendimentos, que envolvem diversos usos, especialidades e especificidades arquitetônicas. Além da parte técnica, é importante ressaltar que os resorts são destinos de férias, onde os hóspedes buscam **relaxar**, mas também se **divertir**, e por isso, deve existir toda uma preocupação com a **experiência desses usuários**.

Falar em experiência é falar sobre a **percepção**, que vem sendo tema de estudos de **neurociência** há bastante tempo. Entender como os sentidos captam informações sobre o mundo exterior ao corpo, como imagens, sons, cheiros, texturas ou até mesmo o próprio **ambiente construído** e como o cérebro interpreta tudo isso, contribui para que arquitetos e designers tomem **decisões mais assertivas** em seus projetos de acordo com as **suas intenções, construindo uma verdadeira atmosfera de sensações**. Quando investigamos a arquitetura através da neurociência, dá-se o nome de **neuroarquitetura**, e é através desta ciência que irei basear parte da minha investigação.

Ao mesmo passo em que buscarei entender, através de uma ciência objetiva, quais soluções são mais coerentes para despertar sensações específicas nos usuários, pretendo mostrar que despertar sensações não é uma receita de bolo, pois sensações estão ligadas a vivências únicas de cada ser humano, de forma que um experimento jamais irá surtir o exato mesmo efeito em dois usuários como  $1+1=2$ . Portanto, além da análise científica objetiva, que é a neuroarquitetura, também irei buscar a **análise filosófica através de uma ciência subjetiva, a fenomenologia**, que busca captar o fenômeno tal como é experienciado pela consciência. Entendendo que o fenômeno se dá de forma **diferente para cada indivíduo**, esse é o ponto que interessa, entender essas diferenças para poder desenvolver cada vez mais interiores que dialoguem de forma íntima com o seu usuário.

## 1.2 JUSTIFICATIVA DO TEMA E RELEVÂNCIA

No âmbito **pessoal**, me senti chamada a investigar tal temática por eu estar inserida no mundo da hotelaria dentro da área da arquitetura. Sempre me brilhou os olhos atuar com **arquitetura para um grande público**, onde eu estaria lidando com a **experiência de vários usuários** de uma só vez.

Além da importância pessoal do tema para minha carreira, também vejo muito a **agregar no âmbito da neuroarquitetura**, que vem crescendo de maneira acelerada ao longo dos anos, e é através de investigações como essas, que a temática vai **ocupando cada vez mais espaços em ramos específicos** e conseqüentemente crescendo e ganhando voz no contexto geral.



"O relacionamento entre a experiência humana e o ambiente construído a partir de abordagens da neurociência irá influenciar fortemente os estudos futuros, apresentando-se como uma área em plena ascensão."

VILLAROUCO, Vilma. Neuroarquitetura: a neurociência do ambiente construído, 2021, p. 19

Também se justifica esta pesquisa porque ao reconhecer a complexidade da arquitetura, buscar estabelecer relações entre questões de arquitetura objetivas e subjetivas, presentes na percepção de lugares, entendendo que isto pode ajudar a conseguir espaços coerentes e equilibrados. Ao levar esta dimensão teórica da arquitetura, da neurociência e da fenomenologia para o campo da hotelaria, onde a experiência do usuário no ambiente construído tem muitas peculiaridades e diversidades, espero apresentar um **material rico em estratégias e em sugerir boas práticas** para a arquitetura dos hotéis.

+ **Neurociência**  
+ **fenomenologia**  
+ *hotelaria*

## 1.3 OBJETIVO

### 1.3.1 OBJETIVO GERAL

Relacionar as decisões projetuais arquitetônicas à percepção dos hóspedes durante sua vivência e experiências em resorts.

### 1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

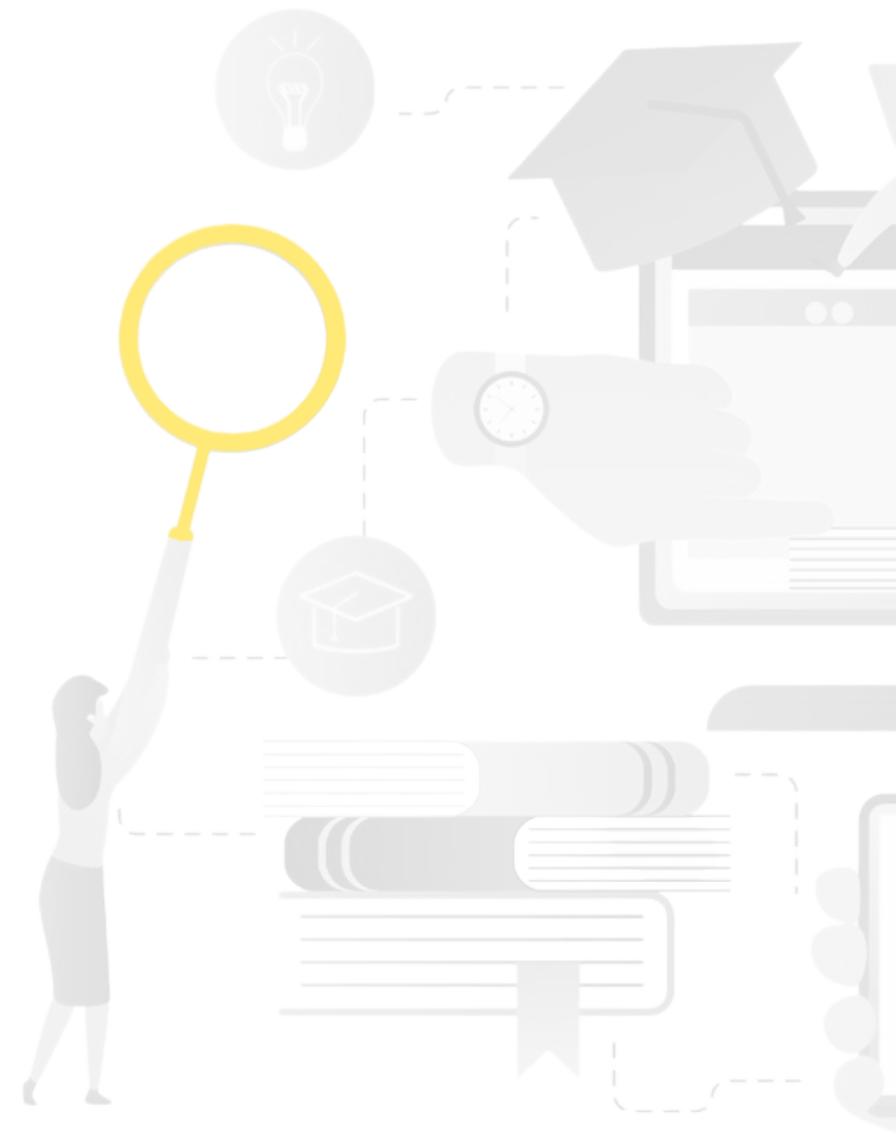
- Identificar como ocorre a **interação dos sistemas sensoriais humano com o ambiente construído** e seu funcionamento sob a ótica da neurociência e da arquitetura;
- Concatenar o conceito de **atmosfera** na percepção dos ambientes sob a ótica da **fenomenologia**;
- Conciliar as visões da experiência do usuário através da neuroarquitetura e da fenomenologia;
- Compreender as áreas da arquitetura e diversidades de usos envolvidos dentro de um resort sob a percepção dos hóspedes;
- **Correlacionar** as percepções através do sistema sensorial dos hóspedes de resorts com boas práticas projetuais para proporcionar boas experiências e excelência no empreendimento.

## 1.4 METODOLOGIA

Como metodologia deste trabalho foram realizadas **pesquisas bibliográficas** sobre o tema da história da hotelaria em diversas escalas, desde a visão global até chegar nas especificidades do nordeste brasileiro. Também foi alvo de pesquisa a temática a respeito da **neuroarquitetura**, entendendo mais sobre o sistema sensorial humano e a significância de diversas escolhas projetuais para quem as vivencia. As pesquisas foram feitas em outros **trabalhos de conclusão de curso, artigos científicos, livros, sites, entre outros**. Uma segunda ótica analisada foram conceitos teóricos a respeito da fenomenologia e o conceito de **atmosferas**, especialmente através da ótica de **Peter Zumthor**.

Tocando na temática do programa de necessidades, foram feitas **pesquisas investigativas analisando plantas, visitas in loco em empreendimentos desse segmento** e a **Matriz de Classificação de Meios de Hospedagem publicada pelo Ministério do Turismo**. Três empreendimentos foram visitados e analisados a título de pesquisa, sendo eles o Salinas Maceió All Inclusive Resort, Salinas Maragogi All Inclusive Resort e o Japaratinga Lounge Resort, todos seguindo o modelo de resort all inclusive e localizados no nordeste brasileiro. Outros resorts ao redor do mundo também foram investigados de maneira virtual.

Por fim, foi feita uma **correlação entre os aprendizados acerca da percepção do ser humano no ambiente construído sob a ótica da neuroarquitetura e fenomenologia** e como as decisões projetuais nesse universo hoteleiro influenciam a experiência de seus hóspedes durante sua estadia, utilizando como **objeto de estudo o Salinas Maragogi All Inclusive Resort**.



capítulo

# 02

## HOTELARIA

### *Resumo do capítulo*

No capítulo 2 me aprofundo no mundo da hotelaria, desde uma análise histórica deste tipo de uso no Brasil e no mundo. Também procuro deixar claro todos os órgãos públicos envolvidos neste tipo de empreendimento e o que é necessário para definir cada meio de hospedagem como tal.

Por fim, busco abordar o programa de necessidades de maneira detalhada e a forma como diversas particularidades da arquitetura estão envolvidas em empreendimentos deste porte.



## 2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

### 2.1.1 HISTÓRICO DA HOTELARIA NO MUNDO

O comércio é o responsável histórico pelas formas mais antigas de oferta hoteleira. As rotas comerciais da Antiguidade, na Ásia, na Europa e na África, geraram núcleos urbanos e centros de hospedagem para o atendimento aos viajantes. Na Idade Média, a hospedagem era feita em mosteiros e abadias. Nessa época, atender os viajantes era uma obrigação moral e espiritual (ANDRADE, 2009).

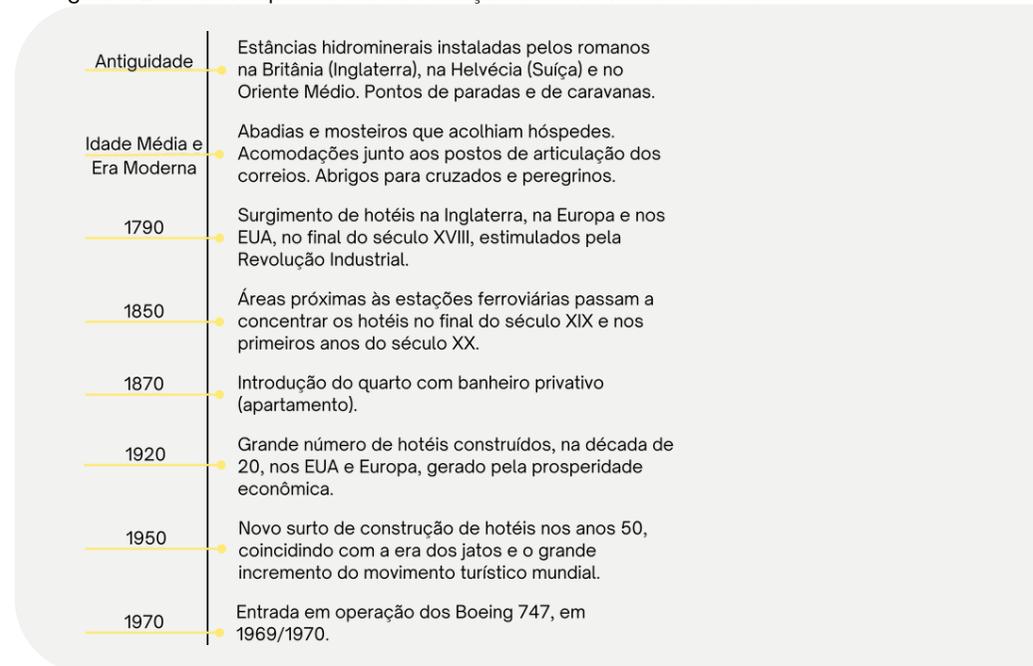
Mais tarde, com o surgimento das monarquias nacionais, a hospedagem era exercida pelo próprio Estado, nos palácios da nobreza ou nas instalações militares e administrativas. Os viajantes que não contavam com o corroboramento do Estado eram atendidos, precariamente, em albergues e estalagens. Posteriormente, com a Revolução Industrial e a expansão do capitalismo, a hospedagem passou a ser tratada como uma atividade estritamente econômica a ser explorada comercialmente. Os hotéis com staff padronizado, formado por gerentes e recepcionistas, aparecem somente no início do século XIX (ANDRADE, 2009).

O turismo passa por uma transformação radical a partir da Segunda Guerra Mundial, com a expansão acelerada da economia mundial, a melhoria da renda de amplas faixas da população (basicamente nos países mais desenvolvidos da Europa central, nos EUA e no Canadá) e a ampliação e melhoria dos sistemas de transporte e comunicação, principalmente com a entrada em cena dos aviões a jato para passageiros, de grande capacidade e longo alcance (ANDRADE, 2009).

Após a Segunda Guerra Mundial, o turismo passou a ser uma atividade econômica significativa, principalmente para os países desenvolvidos, nos quais havia crescimento e ampliação da renda da população, o que gerava mais disponibilidades de tempo e recursos para o lazer. O processo de desenvolvimento e de globalização da economia mundial, além de gerar um progressivo fluxo de viagens regionais e internacionais, ampliou de forma acelerada o setor de lazer e de turismo, que passou a ser, efetivamente, o grande promotor de redes hoteleiras. A sociedade de consumo de massa ampliou-se para o setor de lazer e de turismo (ANDRADE, 2009).

A história da hotelaria no mundo possui **marcos que delimitam mudanças importantes no processo de evolução do setor turístico**, como esquematizei na figura abaixo.

Figura 1: Linha do tempo marcos da evolução do setor turístico no mundo



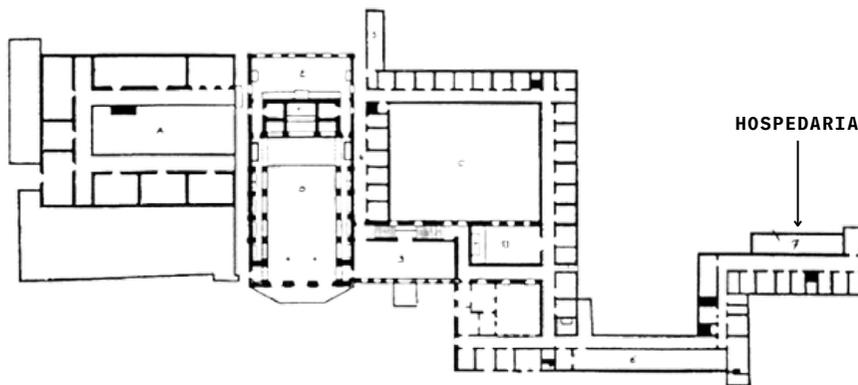
Fonte: Elaborado pela autora, baseado no Livro Hotel: Planejamento e Projeto (2009)

### 2.1.2 HISTÓRICO DA HOTELARIA NO BRASIL

A história da hotelaria no Brasil começa no período colonial, onde os viajantes se hospedavam nas casas-grandes dos engenhos e fazendas, nos casarões das cidades, nos conventos e, principalmente, nos ranchos que existiam à beira das estradas, erguidos, em geral, pelos proprietários das terras marginais. Eram alpendres construídos às vezes ao lado de estabelecimentos rústicos que forneciam alimentos e bebidas aos viajantes. Aos ranchos e pousadas ao longo das estradas foram se agregando outras atividades comerciais e de prestação de serviços que deram origem a povoados e, oportunamente, a cidades. Nessa época era comum as famílias receberem hóspedes em suas casas, havendo, em muitas, o quarto de hóspedes (ANDRADE, 2009).

Movidos pelo dever da caridade, os jesuítas e outras ordens recebiam nos conventos personalidades ilustres e alguns outros hóspedes. No mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, foi construído, na segunda metade do século XVIII, um edifício exclusivo para hospedaria (ANDRADE, 2009).

Figura 02: Mosteiro de São Bento - Edifício exclusivo para hospedaria



Fonte: Livro Hotel: Planejamento e Projeto (2009)

No século XVIII surgiram na cidade do Rio de Janeiro estalagens, ou casas de pasto, que ofereciam inicialmente, apenas refeições a preço fixo, mas com o aumento da demanda, seus proprietários ampliaram os negócios e passaram a oferecer também quartos para dormir. Esses são os embriões dos futuros hotéis (ANDRADE, 2009).

Em 1808, a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro e a consequente abertura dos portos trouxeram um grande fluxo de estrangeiros, que aqui vieram exercer funções diplomáticas, científicas e comerciais. Com isso, houve aumento da demanda por alojamentos, e nos anos seguintes os proprietários da maioria das casas de pensão, hospedarias e tavernas passaram a utilizar a denominação de hotel, com a intenção de elevar o conceito da casa, independentemente da quantidade dos quartos e do padrão dos serviços oferecidos. Cabe destacar, nessa época, o Hotel Pharoux, pela localização estratégica junto ao cais do porto, no Largo do Paço, considerado um dos estabelecimentos de maior prestígio no Rio de Janeiro (ANDRADE, 2009).

Figura 03: Vista externa do Hotel Pharoux, RJ



Fonte: Livro Hotel: Planejamento e Projeto (2009)

O problema da escassez de hotéis no Rio de Janeiro, que já acontecia em meados do século XIX, prosseguiu no século XX, levando o governo a criar o Decreto nº 1160, de 23 de dezembro de 1907, que isentava por sete anos, de todos os emolumentos e impostos municipais, os cinco primeiros grandes hotéis que se instalassem no Rio de Janeiro. Esses hotéis vieram, e com eles o Hotel Avenida, o maior do Brasil, inaugurado em 1908. O Avenida, com 220 quartos, marca, por assim dizer, a maioria da hotelaria no Rio de Janeiro (ANDRADE, 2009).

Figura 04: Vista externa Hotel Avenida, RJ



Fonte: Livro Hotel: Planejamento e Projeto (2009)

A fixação do termo "hotel" no jargão nacional se deu, definitivamente, em virtude da necessidade de anunciar o serviço junto aos estrangeiros da cidade do Rio de Janeiro. A Gazeta do Rio de Janeiro, por exemplo, traz, no ano de 1817, anúncio de um mesmo estabelecimento com denominação de Hospedaria do Reino do Brasil e depois Hôtel Royaume du Brésil (ANDRADE, 2009).

A partir da década de 30 passam a ser implantados grandes hotéis nas capitais, nas estâncias minerais e nas áreas de apelo paisagístico, cuja ocupação era promovida pelos cassinos que funcionavam junto aos hotéis.

A Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, fundada no Rio de Janeiro em 09 de novembro de 1936, com a sigla ABIH Nacional, tendo como objetivo congregar e coordenar nacionalmente os meios de hospedagem, defendendo os seus direitos e interesses como órgão de colaboração com os poderes públicos no plano técnico, consultivo, deliberativo e educação profissional, em formação, treinamento, estudos e buscas de soluções para os assuntos relacionados com a hotelaria e atividades correlatas como gastronomia e turismo, que são afetas à atividade empresarial congregada, e também de interesse da Nação, podendo para isso disponibilizar recursos próprios e/ou receber recursos públicos ou de outras instituições privadas, firmando convênios e estabelecendo outras formas de parcerias.

Em 1946, com a proibição dos jogos de azar, os cassinos foram fechados e, como consequência, os hotéis a que estavam vinculados acabaram fechando as portas. Exemplos muito conhecidos dessa fase são os hotéis Araxá e Quitandinha (ANDRADE, 2009).

Em 1966 é criada a Embratur e, junto com ela, o Fungetur (Fundo Geral de Turismo), que atua através de incentivos fiscais na implantação de hotéis, promovendo uma nova fase na hotelaria brasileira, principalmente no segmento de hotéis de luxo, os chamados cinco estrelas. Esse novo surto hoteleiro leva também a mudanças nas leis de zoneamento das grandes capitais, tornando a legislação mais flexível e favorável à construção de hotéis. Nos anos 60 e 70 chegaram ao Brasil as redes hoteleiras internacionais. Mesmo sem um número importante de hotéis, essas redes vão criar uma nova orienta-

ção. na oferta hoteleira, com novos padrões de serviços e de preços (ANDRADE, 2009).

A expansão da hotelaria sob a tutela da Embratur, que está inserida em um contexto de uma demanda crescente e em grande parte reprimida, teve como consequência um desequilíbrio no perfil de hotéis novos oferecidos, pois a maior parte pertencia à categoria 5 estrelas. Segmentos importantes da demanda, como os ligados a negócios e serviços que buscam hotéis de categorias média e econômica, foram negligenciados, resultando em uma demanda reprimida ou mal servida, à espera de um atendimento mais adequado (ANDRADE, 2009).

As perspectivas de crescimento da indústria hoteleira no Brasil são promissoras, não só pela questão econômica, por causa da estabilização da moeda e dos preços, que conduziu à incorporação de itens viagens ao orçamento familiar, pelo menos entre a classe média, mas também pela oportunidade que determinadas camadas da população conseguem ter de se distanciar dos problemas do cotidiano, de estar abrigado em companhia da família em um espaço convidativo e da possibilidade de desfrutar da natureza e sem stress. As viagens turísticas ao exterior apresentam um componente importante para a hotelaria brasileira: os turistas brasileiros, 80 por cento dos quais se destinam aos Estados Unidos, passam a conhecer o padrão da hotelaria de países desenvolvidos, que apresentam melhor qualidade e menores preços. Gradualmente, esses turistas irão pressionar as empresas do setor hoteleiro no Brasil a oferecer mais qualidade e preços menores (ANDRADE, 2009).

A montagem de *funds*, a partir dos fundos de pensão e de financiamentos do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), tem sido uma das poucas alternativas para a

implantação de novos hotéis. Ainda aqui, na utilização dessas capitais, têm predominado os hotéis de luxo e de grande porte (ANDRADE, 2009).

Outra tendência importante é que, nos últimos anos, cadeias hoteleiras internacionais vêm promovendo uma política mais sistemática para ampliar sua participação no mercado brasileiro, visando inclusive os segmentos de mercado menos atendidos (hotéis econômicos). De modo geral, a continuidade dessa política trará alterações significativas nos padrões da oferta atual. A concorrência se tornará mais acirrada, com consequente diminuição das tarifas, e os padrões de atendimento ao cliente deverão melhorar e se aprimorar (ANDRADE, 2009).

No ano de 1991 a Embratur passa de empresa pública para autarquia, adquirindo a condição de instituto – com a denominação de Instituto Brasileiro de Turismo, vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Regional da Presidência da República, tendo como missão formular, coordenar e executar a Política Nacional do Turismo. No ano seguinte, com a criação do Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, a Embratur é vinculada a este novo ministério com a missão de executar as ações da Política Nacional do Turismo.

Com a criação do Ministério do Turismo, em 2003, a Embratur sofre um processo de reestruturação, deixando de traçar as políticas públicas para o setor e passando a ser responsável pela promoção, marketing e apoio à comercialização dos produtos, serviços e destinos brasileiros em todo o mundo.

Figura 5: Linha do tempo marcos da evolução do setor turístico no Brasil



Fonte: Elaborado pela autora, baseado no Livro Hotel: Planejamento e Projeto (2009)

### 2.1.3 ÓRGÃOS BRASILEIROS ENVOLVIDOS NA GESTÃO DA HOTELARIA

Com o destrinchamento de como se desenvolveu a hotelaria no país, vários nomes surgiram se tratando da gestão dos interesses e políticas voltadas ao setor. Portanto, com o intuito de esclarecer a hierarquia atual e o papel de cada um desses órgãos, trouxe um esquema ilustrativo de todos os envolvidos que de maneira direta ou indireta estão relacionados à hotelaria brasileira.

**Ministério do turismo ou MTur:** Órgão do governo federal que trata do desenvolvimento do turismo como atividade econômica sustentável, com papel na geração de empregos e investimentos, proporcionando a inclusão social.

**Secretaria Nacional de Estruturação do Turismo:** Foco na infraestrutura turística e no planejamento, ordenamento, estruturação e gestão das regiões turísticas do Mapa do Turismo Brasileiro.

**Secretaria Nacional de Qualificação e Promoção do Turismo:** Formalização e qualificação no turismo e para o marketing e apoio à comercialização dos destinos turísticos em âmbito nacional.

**Fundo Geral de Turismo ou FUNGETUR:** Linha de crédito essencial ao fomento do turismo como negócio e estratégia para o desenvolvimento social e econômico pelo Ministério do Turismo. Por meio da oferta de crédito a empresas direta ou indiretamente ligadas ao turismo, promove a elevação do nível dos serviços prestados ao turista, a expansão das oportunidades de instalação de novos negócios, além da geração de emprego e renda.

**Instituto Brasileiro de Turismo ou EMBRATUR:** Promoção internacional do turismo no Brasil nos mercados estratégicos do exterior, atraindo visitantes estrangeiros.

**Associação Brasileira da Indústria de Hotéis ou ABIH:** Presente em cada um dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, a associação representa cerca de 32 mil meios de hospedagem em todo o Brasil e tem como objetivo a defesa dos interesses do setor, como também realizar investimentos na valorização da atividade econômica dos hoteleiros, promovendo a ampliação das oportunidades de negócios para todos seus associados.

### 2.1.4 CATEGORIAS NA HOTELARIA

O mercado, em resposta à diversidade das demandas, assim como à competição com outros estabelecimentos concorrentes na captação dos hóspedes, fez surgir, ao longo do tempo, muitos tipos de hotéis, com características próprias em função da sua localização e do segmento do mercado ao qual estão voltados. (ANDRADE, 2009)

O extraordinário desenvolvimento do turismo e sua diversificação (lazer, negócios, congressos, etc.), ocorridos nas últimas décadas paralelamente ao encurtamento das distâncias e ao barateamento das viagens proporcionados pela evolução dos transportes, vem criando a necessidade de novos tipos de hotéis, dirigidos aos nichos de mercado que vão sendo criados ou aos preexistentes. (ANDRADE, 2009)

Com isso, novas cadeias hoteleiras surgiram, e cadeias mais antigas passaram a oferecer novos produtos, visando ampliar ou, pelo menos, manter sua participação no mercado. (ANDRADE, 2009)

O Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass), construído por meio de uma ampla parceria entre o Ministério do Turismo, Inmetro, Sociedade Brasileira de Metrologia e sociedade civil, é um importante passo para possibilitar a concorrência justa entre os meios de hospedagem do país e auxiliar os turistas, brasileiros e estrangeiros, em suas escolhas.

A exemplo de vários países, tais como França, Portugal, Alemanha, Suíça, Dinamarca, Chile, Suécia e outros, o Brasil estabeleceu o seu sistema de classificação como estratégia para promover e assegurar a sua competitividade em um mercado global altamente disputado. O SBClass é um instrumento reconhecido oficialmente para divulgar informações claras e objetivas sobre os meios de hospedagem, sendo importante mecanismo de comunicação com o mercado e o modo mais adequado para o consumidor escolher quais meios de hospedagem deseja utilizar.

De acordo artigo 23 da Lei nº 11.771/2008, entende-se por meio de hospedagem "Os empreendimentos ou estabelecimentos, independentemente de sua forma de constituição, destinados a prestar

serviços de alojamento temporário, ofertados em unidades de frequência individual e de uso exclusivo do hóspede, bem como outros serviços necessários aos usuários, denominados de serviços de hospedagem, mediante adoção de instrumento contratual, tácito ou expresso, e cobrança de diária”.

Desta forma, de acordo com a 2ª edição da Cartilha de classificação dos meios de hospedagem atualizada em julho de 2015 pelo SBClass, as categorias de hospedagem no Brasil são:

Figura 6: Categorias de hospedagem no Brasil pelo SBClass



### **Hotel:**

Estabelecimento com serviço de recepção, alojamento temporário, com ou sem alimentação, ofertados em unidades individuais e de uso exclusivo dos hóspedes, mediante cobrança de diária.



### **Resort:**

Hotel com infraestrutura de lazer e entretenimento que disponha de serviços de estética, atividades físicas, recreação e convívio com a natureza no próprio empreendimento.



### **Hotel fazenda:**

Localizado em ambiente rural, dotado de exploração agropecuária, que ofereça entretenimento e vivência do campo.



### **Cama e café:**

Hospedagem em residência com no máximo três unidades habitacionais para uso turístico, com serviços de café da manhã e limpeza, na qual o possuidor do estabelecimento resida.



### **Hotel histórico:**

Instalado em edificação preservada em sua forma original ou restaurada, ou ainda que tenha sido palco de fatos histórico-culturais de importância reconhecida. Entende-se como fatos histórico-culturais aqueles tidos como relevantes pela memória popular, independentemente de quando ocorreram, podendo o reconhecimento ser formal por parte do Estado brasileiro, ou informal, com base no conhecimento popular ou em estudos acadêmicos.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado no SBClass

Figura 6: Categorias de hospedagem no Brasil pelo SBClass



### Pousada:

Empreendimento de característica horizontal, composto de no máximo 30 unidades habitacionais e 90 leitos, com serviços de recepção, alimentação e alojamento temporário, podendo ser em um prédio único com até três pavimentos, ou contar com chalés ou bangalôs.



### Flat/apart-hotel:

Constituído por unidades habitacionais que disponham de dormitório, banheiro, sala e cozinha equipada, em edifício com administração e comercialização integradas, que possua serviço de recepção, limpeza e arrumação.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado no SBClass

O SBClass utiliza a consagrada simbologia de estrelas para diferenciar as categorias, em todos os tipos de meios de hospedagem. Considerando que cada tipo de meio de hospedagem reflete diferentes práticas de mercado e expectativas distintas dos turistas (um Hotel 5 estrelas é diferente de uma Pousada 5 estrelas, por exemplo), o SBClass estabelece categorias específicas para cada tipo:

Figura 7: Categorias de estrelas pelo SBClass

	<b>Hotel</b>	de 1 a 5 estrelas	★ ★★★★★
	<b>Resort</b>	de 4 a 5 estrelas	★★★★★ ★★★★★
	<b>Hotel Fazenda</b>	de 1 a 5 estrelas	★ ★★★★★
	<b>Cama e café</b>	de 1 a 4 estrelas	★ ★★★★★
	<b>Hotel Histórico</b>	de 3 a 5 estrelas	★★★★ ★★★★★
	<b>Pousada</b>	de 1 a 5 estrelas	★ ★★★★★
	<b>Flat/Apart-Hotel</b>	de 3 a 5 estrelas	★★★★ ★★★★★

Fonte: Elaborado pela autora, baseado no SBClass

Assim como a maioria dos sistemas de classificação de outros países, o Sistema Brasileiro de Classificação é de adesão e adoção voluntárias pelos meios de hospedagem. O SBClass está fundamentado em uma série de requisitos a que os meios de hospedagem devem atender, sendo esses:

Figura 8: Requisitos para os meios de hospedagem pelo SBClass

## Requisitos Meios de Hospedagem



### Infraestrutura

Requisitos vinculados às instalações e aos equipamentos



### Serviços

Requisitos vinculados à oferta de serviços



### Sustentabilidade

Requisitos vinculados às ações de sustentabilidade (uso dos recursos de maneira ambientalmente responsável, socialmente justa e economicamente viável, de forma que o atendimento das necessidades atuais não comprometa a possibilidade de uso pelas futuras gerações, além de se preocupar com a satisfação dos hóspedes)

Fonte: Elaborado pela autora, baseado no SBClass

### 2.1.5 HISTÓRICO DE RESORTS NO MUNDO

Após entender meios de hospedagem em geral, vamos, enfim, começar a mergulhar nas especificidades das temáticas que serão, de fato, trabalhadas neste estudo.

Os hotéis de lazer, descendentes diretos dos spas e das casas de banho das antigas Grécia e Roma, que ressurgiram na Renascença, após período de inatividade na Idade Média. Têm seu maior atrativo na recreação e nos esportes, principalmente em espaços abertos de grande beleza natural e excelentes condições climáticas (ANDRADE, 2009).

Os resorts, forma mais recente e predominante de hotéis de lazer neste final de século, vêm ampliando significativamente esse atrativo, instalando-se em imensas áreas, verdadeiras ilhas de auto-suficiência, onde os hóspedes encontram satisfação para uma variada gama de interesses - esportes, lazer, vida social e negócios -, numa combinação que atende a todas as faixas etárias. Pelo que são e oferecem, buscam constituir-se em destinos turísticos que por si só justificam uma viagem (ANDRADE, 2009)

Os enormes investimentos exigidos para a implantação dos modernos resorts, que demandam grandes áreas de terreno com requisitos especiais de localização e amplas e diversificadas instalações de recreação e esportes, exigem altas taxas de ocupação durante todo o tempo, com minimização das variações que podem ocorrer durante a semana ou nas diferentes estações do ano. Por essa razão, os resorts investem também na diversificação das suas atividades, visando captar o maior número possível de tipos de hóspedes.

Assim, é comum encontrar resorts com grandes instalações para conferências e congressos, que, pelo relativo isolamento e pela informalidade do ambiente, oferecem excelentes condições para eventos e negócios. (ANDRADE, 2009)

Cabe mencionar os grandes complexos hoteleiros do tipo multi resort, Cancún, no México, e a região de Kanaapali de Maui são exemplos de empreendimentos cuja escala gigantesca é necessária para viabilizar os imensos recursos financeiros requeridos para a construção de aeroportos, rodovias, infra-estrutura e outros serviços, sem o que essas regiões, embora dotadas de atrativos naturais indiscutíveis, permaneceram até hoje fora das rotas turísticas internacionais. (ANDRADE, 2009)

No que diz respeito a empreendimentos do tipo resort no Brasil, interessa salientar, pelo porte, o complexo turístico multi resort em Sauípe, praia a 90 quilômetros ao norte de Salvador, Bahia. O complexo, que está instalado em uma área de 1.750 hectares, são três grandes hotéis, cada um tem o seu perfil, mas áreas comuns podem ser aproveitadas por todos os hóspedes. Os empreendedores se impuseram com o objetivo de construir um novo destino turístico do zero, “a Cancún brasileira”. O empreendimento se tornou viável com o investimento público em uma infra-estrutura de acesso - a Linha Verde, rodovia que liga Salvador a Sergipe - e com a garantia do fornecimento de água, energia, esgoto e telefonia para a região.

#### **Exemplos significativos**

- Atlantis Paradise, Bahamas, Boca Raton Resort & Club, Flórida; Sonesta, Bermudas.
- No Brasil, Transamérica, Ilhéus; Complexo costa do Sauípe, Bahia; Salinas Maragogi All Inclusive Resort, Alagoas

## 2.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES DE UM RESORT

O Ministério de Turismo define três requisitos para a instalação de um meio de hospedagem: Infraestrutura, Serviços e Sustentabilidade. Para o tipo resort, o Sistema Brasileiro de Classificação (SBClass) estabelece as categorias de quatro a cinco estrelas. O de categoria de quatro estrelas, deve atender os requisitos mínimos de infraestrutura, serviços e sustentabilidade. Já para a categoria de cinco estrelas, o hotel deve atender a uma série de requisitos adicionais que diferenciam as categorias entre si. O Ministério de Turismo disponibiliza em seu site, através da Portaria Ministerial Mtur No 100/2011, matrizes de classificação de meios de hospedagem, que apresentam tabelas identificando os requisitos necessários para o planejamento de um resort. Tais requisitos são apresentados a seguir.

**1- Infraestrutura:** está relacionado às instalações e aos equipamentos do empreendimento. Subdivide-se em 3 categorias: Áreas Comuns, Unidades Habitacionais e Alimentos e Bebidas.

Áreas comuns:

- Área de estacionamento quando há acesso por terra e marina, quando houver acesso somente por água
- Existência de jardim com tratamento paisagístico;
- Entrada de serviço para funcionários independente;
- Área ou local específico para a portaria;
- Área para a recepção/lobby, contendo balcão de atendimento, área de estar, e sanitários;
- Local para guarda de bagagens, maleiro;
- Elevadores (social e serviço) para edificações a partir de 2 andares;
- Banheiros sociais, masculino e feminino, separados entre si, com ventilação natural
- Espaço destinado à leitura;

- Espaço para eventos ou auditório. Deve conter foyer, sanitários e áreas de apoio;
- Salão de jogos equipado, contendo 3 opções de jogos ou mais;
- Oferta de pelo menos 2 tipos de piscinas, que compõem o projeto paisagístico;
- Centros de tratamentos de estética ou SPA;
- Clube infantil;
- Oferta de atividades de aventura como: rapel, tirolesa, para o uso harmonioso de arvorismo, etc. (requisito opcional);
- Equipamentos esportivos como: quadra de tênis, campo
- portanto será ofertado apenas as 16 de futebol, quadra poliesportiva, arco e flecha, voleibol, quadras de tênis e voleibol, mini golfe, etc.

Em seguida, com relação às unidades habitacionais:

- Unidades Habitacionais (UH) UH com área de 25m<sup>2</sup> ou mais, considerando quarto, banheiro e desconsiderando varanda, em no mínimo 80% das UH;
- Devem ser previstos apartamentos maiores, para acomodar camas adicionais, devido ao predomínio de grupos familiares.
- Disponibilidade de UH especiais destinados a pessoas com deficiências;
- Disponibilidade de UH com banheira;
- Varandas em pelo menos 25% das UH;
- Local e equipamento para passar roupa à disposição nas áreas comuns ou nas UH (rouparia com possibilidade de WC);
- Camas com dimensões superiores ao padrão nacional;
- Poltronas, sofás ou mesa com cadeira.

Por fim, os requisitos relacionados às áreas de alimentos e bebidas:

- Oferta de 2 tipos de bares;
- Oferta de 2 ou mais restaurantes com cardápios diferentes;

- Relação de lugares instalados em restaurantes com a capacidade máxima de hóspedes maior ou igual a 50%.

**2- Serviços:** São requisitos vinculados a oferta de serviços, como por exemplo:

- Recepção aberta 24h;
- Serviço de limpeza diária da UH em uso, troca de roupas de cama e banho diariamente;
- Lavanderia e passadeira;
- Serviço de alimentação;
- Bar por 24h;
- Loja de conveniência;
- Serviços de estética e massagem;
- Programas recreativos;
- Atividades culturais, como exposições e feiras de artesanato, entre outros.

**3- Sustentabilidade:** São requisitos relacionados às ações de sustentabilidade, que por sua vez trata-se do uso dos recursos de maneira ambientalmente responsável, socialmente justa e economicamente viável, como:

- Adoção de medidas permanentes para a redução do consumo de energia elétrica e de água, com ações de monitoramento do consumo, coleta e aproveitamento da água da chuva;
- Deve ser proposto o gerenciamento dos resíduos sólidos para reciclagem e reuso;
- Medidas permanentes de sensibilização para os hóspedes em relação à sustentabilidade e valorização da cultura local;
- Propor a geração de trabalho e renda para a comunidade local, assim como promover produção associada ao turismo, como por exemplo a produção artesanal, agropecuária ou industrial que detenha atributos naturais ou culturais de uma determinada região.

Além das diretrizes específicas mencionadas acima, também existem as **diretrizes gerais** para o empreendimento como um todo, como por exemplo:

#### **Localização**

- Locais em região com meio ambiente de grande apelo turístico e paisagístico e excelentes condições climáticas tropicais.
- Fácil acesso a partir dos principais centros emissores de turistas pretendidos.
- Local de fácil acesso ao aeroporto.
- Local de fácil identificação em relação à estrada ou à rodovia
- Deve ser verificada a disponibilidade de água, de infra-estrutura, de energia e telecomunicações.
- Deve ser observada a legislação de proteção ao meio ambiente.

#### **Terreno**

- São necessárias grandes glebas com características topográficas e geológicas para viabilizar as instalações pretendidas (parques aquáticos, quadras poliesportivas, campos de golfe, etc.).
- São desejáveis: proximidade de praia, margem de rios, lagos e represas.
- Há necessidade de tratamento paisagístico das áreas não diretamente ocupadas
- As piscinas são elementos de grande importância para o projeto paisagístico
- As áreas de carga e descarga e demais pátios de serviços devem ser convenientemente localizados de modo a afastá-los das vistas dos hóspedes.

#### **Tamanho e diversidade das instalações**

- O número de apartamentos deve ser suficiente para dar suporte econômico ao conjunto de instalações de recreação, esportes e eventos.

- Para determinar o número de restaurantes, bares e outras instalações deve-se considerar o tempo médio de permanência dos hóspedes e a necessidade de oferecer alternativas, principalmente se tratando de um resort all inclusive, quando a intenção é que os hóspedes "mergulhem" completamente na experiência e não precisem sair dos limites do empreendimento para nada durante a sua estadia.
- As instalações para congressos e reuniões ajudam a manter taxas médias de ocupação elevadas.
- De acordo com a distância do empreendimento em relação ao centro, deve ser considerada a necessidade e/ou conveniência de alojamento para funcionários e suas famílias.

#### **Características do lobby**

- Deve ser dimensionado com generosidade;
- Maleiro, para armazenar a bagagem dos hóspedes antes de fazer o checkin e após o checkout;
- A maior disponibilidade de tempo dos hóspedes motiva compras e a necessidade de maior quantidade relativa de lojas.

#### **Características UHs**

- Nos resorts, predominam grupos familiares.
- As unidades habitacionais, conseqüentemente, devem ser maiores, para acomodar camas adicionais.
- A área adicional deve ser obtida, preferencialmente, no comprimento do quarto; a largura deve ser mantida em 3,80 metros.
- Devem ser previstos apartamentos especiais destinados a portadores de deficiências.
- Os armários devem ser relativamente maiores do que em outros tipos de hotel, com pelo menos 1,50 metro de frente.
- Os apartamentos devem ter a melhor vista. Alas de apartamentos distribuídos dos dois lados de um corredor devem ser posicionadas perpendicularmente à vista de maior interesse (praia, por exemplo).

- Os quartos devem, sempre que possível, ser dotados de terraços com profundidade adequada (pelo menos de 1,50 metro) e mobiliados com mesa, cadeiras, espreguiçadeiras e/ou redes.

#### **Características Estacionamento**

- O número de vagas depende do tipo de transporte utilizado pelos hóspedes.
- Podem ser reduzidas praticamente a zero quando o acesso ao local é feito direta e exclusivamente por barco ou avião.

### **2.2.1 ESPECIFICIDADES DAS ÁREAS DA ARQUITETURA DENTRO DO PROGRAMA DE NECESSIDADES DE UM RESORT**

Após entender, de acordo com o SBClass, o programa de necessidades básicas de um resort, fica clara a diversidade de usos e intenções dentro de um só empreendimento. Em consequência disto, é necessário também, que uma enorme gama de áreas da arquitetura se envolvam, a fim de proporcionar excelência em todos os ambientes que o resort se propor a dispor para seus hóspedes.

Olhando pela perspectiva da implantação, fica claro o impacto urbano da construção, principalmente se implantada em contextos urbanos, porque se mostra como um pequeno bairro em relação ao seu entorno. Pela sua dimensão, ele provoca o surgimento de um microclima urbano, de forma que é indispensável a adoção de métodos dos projetos de **planejamento urbano**, priorizando as vistas, pensando nos fluxos e dimensionando os caminhos, fazendo o estudo de manchas coerente com os tipos de uso de cada edificação e entendendo o impacto desta edificação no entorno imediato e etc e dos projetos de **conforto ambiental**, como a decisão pelos materiais que serão utilizados, o espaçamento entre as edificações, a permeabilidade do solo, a proximidade com massas de água e a densidade e espaçamento da vegetação arbórea, por exemplo, assim

como dos métodos de **projeto paisagístico**.

Diminuindo a escala do olhar e aproximando mais nas áreas de lazer, há a existência da cenografia. Como por exemplo nos brinquedos infantis na piscina, que precisam criar uma atmosfera temática (conceito que será explicado no capítulo 4). Também é possível compreender a cenografia nos palcos e nos restaurantes temáticos. No mundo atual, há uma grande busca por locais "instagramáveis", que se trata de cenários que se destaquem em relação ao entorno e contribuam para as ações de comunicação e propaganda dos empreendimentos hoteleiros. Esses objetivos levam à necessidade de se ter o auxílio de métodos cenográficos.

Afora tudo que já foi apontado, ainda se faz necessário contar com profissional especializado em cozinhas, para projetar com os dimensionamentos e itens corretos, para o funcionamento dos espaços que lidam com alimentos e bebidas.

Entrando nas unidades habitacionais, o design de interiores é a especificidade da arquitetura que vai proporcionar o aconchego que o hóspede deseja após desfrutar de tantas opções de entretenimento no resort como um todo. E é claro que tudo isso é consequência de espaços bem pensados e projetados.

capítulo

# 03

## NEUROCIÊNCIA APLICADA À ARQUITETURA

### *Resumo do capítulo*

No terceiro capítulo, abordo a primeira corrente teórica que será utilizada na análise final do meu objeto de estudo. Busco entender através da ótica do cérebro triuno de MacLean a forma como nosso sistema sensorial percebe o mundo ao nosso redor e a influência dessas percepções em nosso bem estar.

Neste capítulo, não tive a intenção de me aprofundar nos experimentos científicos que foram feitos até chegar nos resultados. Por se tratar de um material muito repetido em diversos trabalhos e artigos e extenso, foquei nos resultados dessas pesquisas e a forma como funciona na aplicação prática.



### 3.1 O QUE É A NEUROARQUITETURA?

A Neurociência aplicada à Arquitetura, chamada de Neuroarquitetura, é uma ciência interdisciplinar que aplica conhecimentos da Neurociência à relação entre o ambiente construído e as pessoas que dele fazem uso (GONÇALVES e PAIVA, 2018 pag.396). A Neuroarquitetura, tema que está no início do seu desenvolvimento, está relacionada à criação da Academy of Neuroscience for Architecture' (ANFA), em San Diego, na Califórnia (EUA), um dos poucos centros de pesquisa voltados para os estudos que conectam a arquitetura com a neurociência.

A Arquitetura é uma disciplina híbrida, fundindo tecnologias de materiais, intenções, construção e estética, fatos físicos, crenças culturais, conhecimento e sonhos, passado e futuro, meios e fins (PALLASMAA, 2013). Desta forma, a arquitetura é de certa forma, dependente de descobertas de outras áreas de pesquisa e conhecimento, como por exemplo da área da psicologia, psicanálise, linguística estrutural, antropologia, entre outros. Assim como na premissa da Neurociência, a área de estudo é o cérebro e como a descoberta da Neuroplasticidade possibilitou a afirmação de que os ambientes podem alterar o nosso cérebro. Lent (2008) define a neuroplasticidade como a propriedade de nosso sistema nervoso em alterar a sua função ou a sua estrutura em resposta às influências ambientais e biológicas que o atingem, a partir de estímulos internos e vindos do ambiente. Essa capacidade de se moldar às adversidades tem como finalidade a possibilidade de novos modos (comportamentais, psicológicos) de viver e se relacionar com o mundo e com as pessoas. Por outro lado, essa capacidade plástica do organismo humano pode influir na criação de arquiteturas (espaços dos seres humanos) que, com o apoio transdisciplinar, garantam não só as necessidades práticas, mas também a possibilidade de garantir emo-

ção, sentimentos, sensações, conexões, memórias e lembranças para o bem-estar e qualidade de vida. (MONTEIRO, 2022)

Esta nova visão veio para agregar na busca da melhor qualidade de vida das pessoas nos mais variados espaços. A arquiteta Juliana Maioli, da RKM Engenharia, destaca que todos os ambientes construídos enviam “mensagens” ao cérebro, que impactam positiva ou negativamente nas emoções, no bem-estar e no comportamento.



“Conforme o tempo de exposição ou de permanência nesses espaços, os impactos podem ser de curto ou longo prazo, mas variam também de acordo com as vivências de cada um, do arcabouço cultural, genérico e de experiências que tornam cada pessoa única.

Os arquitetos podem usar os conceitos nos projetos para que os edifícios atuem também como catalisadores das atividades neles desenvolvidas. Estamos falando de ambientes corporativos que propiciem produtividade, de hospitais que auxiliem na cura, de escolas que estimulem o aprendizado e a criatividade e de residências que proporcionam o relaxamento, o descanso e o prazer de estar ali”

MAIOLI, Juliana. Neuroarquitetura reforça prazer de estar em determinados ambientes. Estado de Minas: Saúde, 2022. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2022/06/05/interna\\_bem\\_viver,1370401/neuroarquitetura-reforca-prazer-de-estar-em-determinados-ambientes.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2022/06/05/interna_bem_viver,1370401/neuroarquitetura-reforca-prazer-de-estar-em-determinados-ambientes.shtml). Acesso em:15/07/22

Desta forma, quando tratamos de um resort, onde a intenção é proporcionar momentos de lazer e descontração ao mesmo tempo que o relaxamento e descanso, fica claro a importância de se projetar um ambiente que comunique isso aos seus usuários.

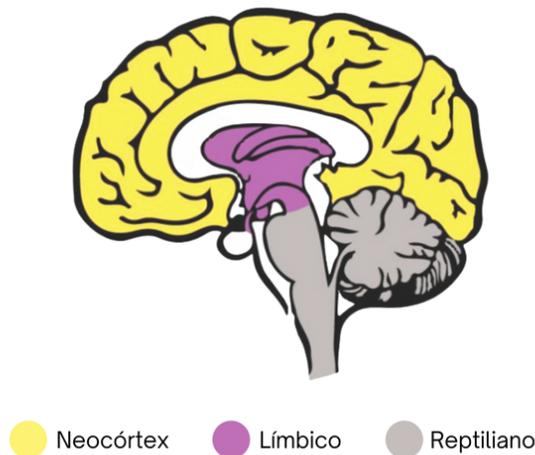
## 3.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 3.2.1 O SISTEMA SENSORIAL HUMANO

Diferentes estímulos afetam diferentes reações neurais, que causam diferentes percepções das informações do mundo. Logo, se as percepções são diferentes, certamente as reações também serão (GONÇALVES E PAIVA, 2018). Existem variadas abordagens sobre o funcionamento cerebral. Uma delas é a tese do cérebro triuno, desenvolvida pelo neurocientista Paul McLean (1970), onde ele afirma que o cérebro é composto por três grandes áreas que trabalham em conjunto. Essas áreas, que surgem em momentos sucessivos durante a evolução, são os sistemas reptiliano, límbico e córtex (Figura 9).

Figura 9: Cérebro Triuno

*Cérebro Triuno de MacLean*



Fonte: <https://diferenser.com.br/os-tres-cerebros> com adaptação da autora

Segundo Paul, é possível associar cada uma dessas áreas a três diferentes forças (instinto, afeto e razão), de forma que cada uma dessas forças predomina em uma das três áreas do cérebro. O sistema reptiliano estaria associado ao instinto e a interpretar os estímulos trazidos pelos nossos sentidos. No dia a dia nós recebemos um número enorme de estímulos captados pelo sistema reptiliano, mas muitos deles são descartados para não termos excesso de informação. Essa percepção não racional é muito importante para a interação entre cérebro e espaço. O sistema límbico está associado ao afeto e é responsável por nossas emoções, comportamentos sociais espontâneos e da memória profunda, aquelas que lembramos sem dificuldade. O córtex é associado à razão e à grande capacidade motora e de aprendizado, também responsável pelos processos conscientes, voluntários e cognitivos (GONÇALVES e PAIVA, 2018).

A relação entre o cérebro e o ambiente externo acontece através do sistema sensorial como um todo, que vai além dos cinco sentidos que englobam visão, audição, olfato, paladar e tato. A neurociência hoje se refere à multisensorialidade do funcionamento cerebral, reconhecendo, entre outros, o movimento como um senso fundamental do organismo humano (Berthoz, 1997). De todo o modo, cada sentido, inclusive quando integrado a outros, causa diferentes sensações no cérebro como um todo. Tanto a visão quanto o tato, nos ajudam a perceber o ambiente ao redor em formas, texturas e temperaturas. Através do tato que, segundo McLean, está relacionado ao nosso sistema reptiliano, nosso sistema primitivo e de impulsos irracionais. Por meio da audição, percebemos a acústica do ambiente que deve ser pensada para cada tipo de funcionalidade do espaço, por exemplo entre unidades habitacionais de um resort que dividem a mesma parede, e de forma alguma pode existir a passagem do som entre elas. Ainda segundo Mclean, o olfato é um sentido muito forte por causa de sua ligação com o reptiliano e o límbico, também é

ativado pela estrutura neuronal da memória, por exemplo quando entramos em um restaurante com um tipo de comida específica. O paladar é o sentido em que menos em ligação com a interação com o espaço, mesmo assim temos fortes relações com a percepção do sabor (GONÇALVES e PAIVA, 2018)



"A arquitetura reforça a experiência existencial, nossa sensação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço da identidade pessoal. Em vez da mera visão, ou dos cinco sentidos clássicos, a arquitetura envolve diversas esferas da experiência sensorial que interagem e fundem entre si."

PALLASMAA, 2011, p. 39

Gonçalves e Paiva (2018) também se referem a outros dois sentidos que têm grande relevância para a percepção e interação com o ambiente: equilíbrio e way findings. O equilíbrio é um sentido que está vinculado à gravidade e isso se reflete anatomicamente no nosso sistema auditivo, com a existência de canais semicirculares em cada ouvido que garantem o equilíbrio. Ele é ao mesmo tempo biológico e físico, quanto mais ativo menos terá atenção para os outros sentidos. O wayfinding é a capacidade de localização no espaço, este se relaciona muito com os três cérebros no processo de determinar seguir um caminho ou rota entre uma origem e um destino (GOLLEDGE, 1999). O wayfinding, e o equilíbrio compõem nossa capacidade de nos sentirmos como seres espaciais.

Trazendo esses conhecimentos para a arquitetura, reconhecemos que os edifícios ainda são muito vistos de forma restrita em termos de desempenho funcional, conforto físico, economia, representação

simbólica ou valores estéticos. Todavia, a função da arquitetura vai além das questões materiais, funcionais e mensuráveis, e além mesmo da estética. Segundo Pallasmaa (2013), os edifícios não só fornecem abrigo físico ou facilitam atividades distintas, mas também abrigam nossas memórias, desejos e sonhos. Paisagens, ambientes construídos, casas e quartos são partes integrantes de nossa paisagem mental e de nossa consciência motivadas pela cultura que nos envolve, e também em razão de nossas capacidades subjetivas garantidas pela condição neurobiológica que o ser humano foi adquirindo no curso da Evolução - de interação cérebro-mente-corpo com o ambiente.

A arquitetura é uma expressão materializada do espaço mental, e nosso próprio espaço mental é estruturado pela arquitetura. Afinal, o ambiente construído é primeiramente percebido emocionalmente (MALLGRAVE, 2013), assim estimulando diversas partes do nosso cérebro, tanto na questão sensorial, instintiva e cognitiva. Desde a antiguidade nossas sensações em relação à arquitetura, buscam pela beleza, firmeza, proporcionalidade e harmonia, todos associados à percepção do indivíduo.

No âmbito das subjetividades, as emoções são reações inatas do cérebro, ou seja, durante a evolução, nosso cérebro foi se estruturando para reagir ao mundo e essa reação é expressa sob forma das emoções, respostas a determinadas situações que vivemos, e que podem se expressar no rosto (nossas expressões faciais), na linguagem corporal e também nas atitudes, afetando como as pessoas se sentem (consciente ou inconscientemente) e se relacionam. Já os sentimentos são experiências mentais dos estados do corpo que acontecem quando o cérebro interpreta as emoções. De acordo com Damásio (2012), o papel das emoções é ajudar na regulação biológica, auxiliando a adaptação do corpo às mudanças do meio para a sobrevivência. E são essas reações que provocam mudanças no nosso

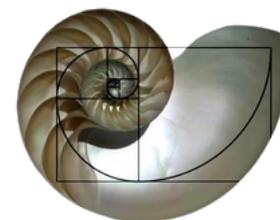
comportamento, nas nossas capacidades criativas, capacidade de socializar, na memória e no bem-estar. Assim, podemos afirmar que os ambientes construídos (igrejas, museus, resorts etc.) nos trazem certos tipos de emoções e sentimentos que também podem alterar a performance e o estado cerebral, enfim nossa experiência de mundo.

Nem sempre no nível do consciente, nosso cérebro faz julgamentos sobre o ambiente à nossa volta mesmo sem nos darmos conta. Percebemos o cheiro dos materiais, a textura de um tecido, a proporcionalidade, padrões, ritmos, escala, a acústica e a iluminação de um ambiente (MALLGRAVE, 2013). Estes por sua vez podem estimular e alterar nossos estados emocionais a cada momento.

### 3.2.2 DIVERSIDADE DE INTENÇÕES EM UM RESORT: PERCEPÇÃO E SIGNIFICÂNCIA DOS AMBIENTES

A Neuroarquitetura contribui para uma leitura mais acurada do espaço de vida dos seres humanos, as pesquisas laboratoriais auxiliam a entendermos a importância dos detalhes, a reconhecer motivos relacionados a comportamentos no espaço. Segundo Leandr (2021) podemos inclusive inferir sobre certos impactos ambientais como relacionados com o inconsciente. . Na obra Brain Landscape: The Coexistence of Neuroscience and Architecture, o autor afirma que os conceitos de simetria, harmonia e proporção, atributos amplamente processados principalmente pelo sistema visual, são princípios importantes para os humanos na vida cotidiana, podendo, por exemplo , detectar simetria em cerca de 0,05 segundo. Pode-se afirmar que o senso de simetria, assim como de harmonia, proporção áurea e fractal são capacidades relacionadas também sistemas límbico e reptiliano, como ilustra a Figura 10.

Figura 10: Proporção Áurea em um elemento da natureza



Fonte: <https://gizmodo.uol.com.br/mitos-proporcao-aurea/>

Os humanos se conectam fisiologicamente e psicologicamente com formas mais complexas do que com formas mais planas, evidenciando a condição de seres espaciais. Essas capacidades também associadas à estrutura subjetiva do sentimento, leva, por exemplo, à percepção de que curvas, diferentes texturas e detalhes nos provocam sensação de relaxamento. O que leva a entender o porquê das formas das piscinas de um resort serem mais orgânicas, e não retangulares como é de se esperar (Figura 11).

Figura 11: Piscinas Salinas Maragogi



Fonte: Divulgação Amarante Hotéis

Outro exemplo prático é o pé-direito, estudos realizados em universidades do Canadá e Estados Unidos (MEYERS-LEVY; ZHU, 2007, apud GONÇALVES; PAIVA, 2018) indicam que a altura do teto afeta tanto no comportamento quanto na habilidade de solucionar problemas. Um ambiente com pé-direito alto e espaços amplos, pode provocar a sensação de liberdade e estimular a sua criatividade, aliado a outros componentes espaciais e formais. O sentimento de ambiente, agradável também se relaciona com a circulação do ar, que estimula principalmente o sistema límbico. Já os pés-direitos baixos podem, em alguns contextos, ajudam na concentração,

A personalização do ambiente também é um fator fundamental para nosso cérebro para reconhecimento do terreno, assim nos sentimos mais confortáveis e, conseqüentemente, os níveis de estresse diminuem. Assim acontece nos diferentes ambientes de um resort, onde as áreas comuns de diversão como por exemplo um bar, tem suas decisões projetuais voltadas para o entretenimento, interação de hóspedes e etc, enquanto a unidade habitacional tem a intenção de trazer aconchegância e relaxamento. Um elemento de personalização é a incorporação da natureza nesses ambientes, fruto de uma relação inata, o conceito da biofilia diz respeito à necessidade do ser humano em estar conectado com a natureza. Browning e Cooper (2015) afirmam que se um ambiente construído tiver conexão direta (como parques e lagos) ou indireta com a natureza (elementos de design, cores semelhantes à natureza ou plantas de interior) pode ajudar na diminuição do estresse, aumento do bem-estar pessoal e relaxamento.

Estes apontamentos, embora sintéticos, demonstram como as decisões projetuais podem e devem estar ligadas ao que se deseja transmitir com o projeto. Isso será retomado no capítulo 5.

Para finalizar as considerações a respeito deste capítulo, e relacioná-lo ao objeto de estudo deste TCC, é importante pontuar a diversidade de intenções e usos dentro de um resort. Por se tratar de um meio de hospedagem voltado para o lazer, há um enorme leque de possibilidades do tipo de lazer, principalmente observando a individualidade de cada ser. Onde lazer para um pode ser passar horas em um SPA e após isso deitar em uma rede ouvindo as ondas do mar, e para outros pode ser tomar bons drinks na piscina ao som de uma música ao vivo. Por isto, é importante entender a subjetividade dentro deste objeto de estudo, através do capítulo que vem a seguir.

capítulo

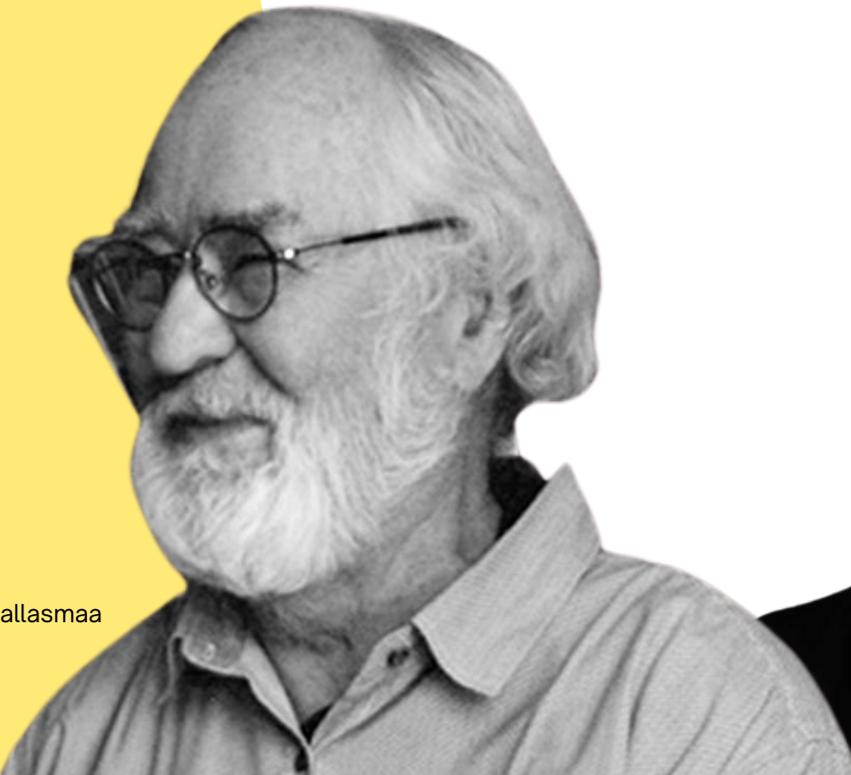
# 04

## FENOMENOLOGIA APLICADA À ARQUITETURA

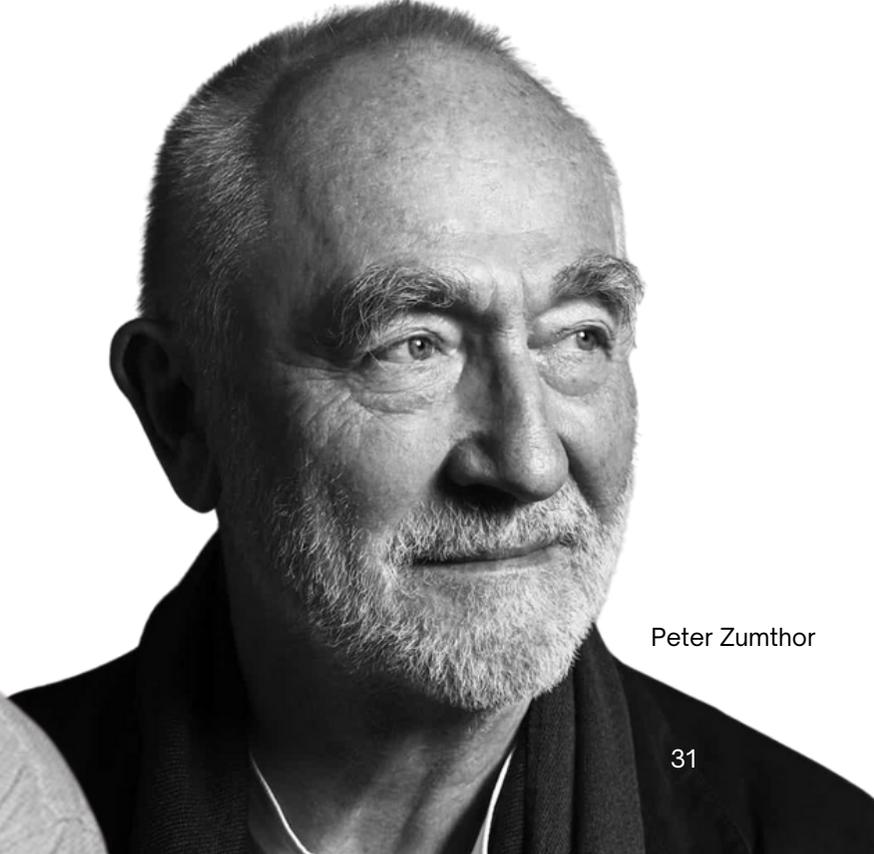
### *Resumo do capítulo*

Neste capítulo, me aprofundo na outra corrente teórica a qual dediquei meus estudos, a fenomenologia. Em minhas buscas e leituras, encontrei diversos materiais da professora Sueli Garcia, que fez doutorado em Arte, Educação e História da Cultura pelo Mackenzie e mestrado em Comunicação na Unip. É coordenadora e docente dos cursos de Graduação em Design de Interiores e Design de Produto da Belas Artes de São Paulo. É também professora da Pós de Design de Interiores e Mestrado da mesma instituição. Atualmente é vice-presidente do Cac da ABD. Em seus textos, ela trouxe análises e formas de interpretação que me identifiquei bastante, principalmente de Peter Zumthor, além de simplificar alguns textos de autores mais complexos.

No capítulo 4 explico o que é fenomenologia, a importância da percepção e sensorialidade nesta corrente teórica e me utilizo muitas das ideias de Peter Zumthor, tanto para entender como cada um dos 5 sentidos pode ser aplicado no projeto, como também compreendendo as 9 etapas na criação de atmosferas.



Juhani Pallasmaa



Peter Zumthor

## 4.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 4.1.1 O QUE É A FENOMENOLOGIA

O termo “fenomenologia” deriva de duas palavras gregas: phainesthai, que corresponde aos fenômenos, a tudo aquilo que se apresenta ou se mostra aos nossos olhos, e logos, que significa estudo, explicação ou descrição. Sendo assim, a fenomenologia é o estudo ou a descrição dos fenômenos, que aguçam ou ampliam nossa percepção de mundo.

A fenomenologia é considerada uma ciência da subjetividade, que busca captar o fenômeno tal como é experienciado pela consciência. Entendendo que o fenômeno se dá de forma diferente para cada indivíduo, interessa perceber essas diferenças para poder desenvolver cada vez mais projetos sensíveis e sensoriais que dialoguem de forma íntima com o seu usuário. Não há uma resposta precisa, há um processo, um percurso, que não se resume em um estilo ou uma maneira específica para solucionar um espaço, mas sim, tomar como partido a experiência do usuário e sua relação com esse espaço. (GARCIA, 2021)

Segundo Husserl (apud Silva), não nos encontramos primeiramente com os dados para depois perceber as coisas, mas nos encontramos com os fenômenos, tal como eles se apresentam à nossa consciência. Não existe a “coisa em si” sem a consciência que temos dela. A consciência é sempre intencional, está constantemente voltada para um objeto, enquanto este objeto é sempre objeto para uma consciência. Em outras palavras, qualquer coisa é sempre algo percebido, se não foi percebido, ele não existe, e que, portanto, nunca algo será uma “coisa em si”, mas sempre uma coisa percebida, sentida, interpretada e significada por alguém. (SILVA, 2009)

Consideramos como “lugar” um espaço de qualquer natureza carregado de símbolos – objetos, cores, texturas, móveis etc. – que venham a sugerir formas de relacionar corpo e espaço, e com qualidades para incentivar o usuário a explorá-lo e a usá-lo. Este espaço se faz “lugar” porque também existe a presença do usuário que é o protagonista. Como consequência, o corpo e vivido também é uma unidade expressiva nesse espaço cheio de forças e tensões a serem exploradas, e que imprime sentido, correspondendo às necessidades objetivas, subjetivas e simbólicas do indivíduo. (GARCIA, 2021)

De acordo com Garcia, para Merleau-Ponty, o sentido de estar no espaço é algo ontológico para o ser humano, desde que foi gerado sob as tensões e a experiência sensitiva dele no mundo - quando o corpo vivencia o espaço e a familiaridade com esse espaço é que pode torná-lo um lugar. É uma extensão da minha percepção de mundo, mas é comum atribuímos respostas mais objetivas, abstraindo os aspectos fenomênicos, e, conseqüentemente, nossa própria existência. Ele é uma extensão do indivíduo e está em constante diálogo, pois ele é um reflexo da natureza do usuário. Quanto menos o usuário tem consciência de si ou do seu redor, menor é a conexão dele com o seu espaço.

### 4.1.2 PERCEPÇÃO E SENSORIALIDADE

A percepção é imprescindível para a experiência fenomênica e está diretamente conectada com a consciência que atua intencionalmente porque, toda consciência é consciência de algo, ou seja, é um ato que visa um objeto, uma imagem, um fato ou uma ideia. Por visar algo, a consciência não se refere apenas às coisas, mas a todas as vivências que envolvem as coisas visíveis, dando significação a elas. Os símbolos ganharam peso social no decorrer da história e acabou tendo valor de status, eles possibilitam identificar ou averiguar características

fenomenológicas e exigem uma visão sensível. (GARCIA, 2021)

Por trás dessa visão sensível está toda a vivência que nos ajuda a perceber a potencialidade do ambiente, mas é importante acrescentar que essa experiência se dá em grau diferente para cada um, e de certa maneira, de forma única. “O que nos envolve ao entrarmos em um ambiente não é somente o que vemos dele, mas também os sentimentos que desperta, as emoções que traz e o grau de conexão que experimentamos naquele espaço físico” (NEVES, 2017, 101).

Esse exercício de observação tem se mostrado eficaz para uma metodologia que tem rompido paradigmas e vem se ampliando cada vez mais no campo do design de experiências e se expandindo para diversas áreas de conhecimento. A arquiteta Juliana Duarte Neves desenvolve uma pesquisa sobre os aspectos sensoriais e a origem da hegemonia da visão em detrimento dos outros sentidos, presentes em grande parte dos projetos arquitetônicos e de design de interiores. Ela acrescenta que “é preciso mudar o foco: do design de objetos devemos voltar-nos para o design de situações que propiciem atividades que promovam experiências significativas tais como as focadas em socialização, bem-estar e solidariedade.” (NEVES, 2017, 122).

Os interiores, além de seus aspectos funcionais, têm como propósito nos tocar, nos sensibilizar, sem isso não há uma sedução, não há provocação ou impulso para explorar os espaços. De acordo com Juhani Pallasmaa, é necessário criar uma atmosfera, e o arquiteto e professor Peter Zumthor acrescenta que o propósito é gerar sentimentos (PALLASMAA e ZUMTHOR apud NEVES, 2017). Ambos concordam que a arquitetura e seus interiores — e a atmosfera criada por ela — deve contemplar todos os sentidos. A extensão de uma arquitetura sensível também impactará os seus interiores. A discussão

de ambos é a desconexão entre essas partes, a falta de diálogo entre o espaço interior e seu envoltório.

A experiência, preocupação filosófica da Fenomenologia, levada ao conhecimento em arquitetura, assume a responsabilidade de entendermos o espaço, como “lugar de criação”, à disposição do indivíduo para experimentar e se auto-reconhecer, o que legitima sua existência. Ou seja, a consciência do usuário nessa relação com o espaço o torna capaz de gerar inúmeros significados. Será o lugar onde todos os elementos participativos serão dinâmicos, e onde o lugar pode fazer com que atmosferas diversas possam ser percebidas, ligadas às necessidades do usuário, quer sejam físicas, psíquicas, espirituais etc. Como dissemos anteriormente, o corpo ocupa espaço e é visível, logo, ele se torna uma unidade expressiva, que só quando é percebido pode-se aprender a conhecê-la, para na sequência torná-la uma estrutura para se comunicar com o mundo sensível. (GARCIA, 2021)

Descobrir o espaço e descobrir-se nele, representa para cada indivíduo uma experiência pessoal e universal. São processos que se interligam ao próprio curso de estruturação da percepção consciente, provocando possibilidades de a pessoa sentir-se e pensar-se dentro do meio ambiente em que vive. A permanência da estrutura desse espaço segue o fluxo das várias fases de vida e pode ter a capacidade de atender a essa flexibilidade de mudança, como também, as relações sociais deste usuário com seus semelhantes e com seu entorno, podendo gerar identificações e sentidos de pertencimento ao local. (GARCIA, 2019)

Para o filósofo italiano Emanuele Coccia, “vivemos porque podemos ver, ouvir, sentir, saborear o mundo que nos circunda” e acrescenta que é graças ao sensível porque ele capta imagens, conceitos, e sem

ele a vida seria uma coleção de regras vazias.

Para ele, a influência da sensação e do sensível sobre nossa vida é enorme, mas é um campo que ainda permanece em grande parte, inexplorado. A filosofia buscou a reflexão, “mas raramente mediu o peso da sensibilidade sobre a existência humana”, e que “todo homem vive no meio da experiência sensível e que pode sobreviver apenas graças às sensações” (COCCIA, 2010, 11). No campo da neurociência, avançam os estudos biológicos sobre o sentimento, mas ainda não existem relações desses estudos com o âmbito do projeto de arquitetura.

A percepção é o rico campo de recepção das experiências e por isso se apresenta como uma área extremamente rica de pesquisa . Esta temática foi explorada no capítulo anterior.

De acordo com pesquisas, os seres humanos recordam: 35% o que cheiram, 15% o que provam, 5% o que veem, 2% o que ouvem e o que tocamos. Assim como Pallasmaa, o sociólogo Anthony Synnott (1991) fala sobre a ideia de que fomos culturalmente moldados com base no sentido da visão, e de certa forma, nos últimos dois séculos nós entramos num processo de saturação visual, que dificulta memorizar os lugares. Desta forma, apresento alguns apontamentos sobre alguns dos sentidos e sobre como eles podem estar presentes na arquitetura.

### **A) TATO**

O tato – depois da visão – é o mais explorado e está presente em todas as peles dos espaços: tapetes, cortinas, almofadas, texturas, relevos etc. Sua qualidade nos seduz a tocar e deve nos proporcionar uma enorme sensação de conforto e de aconchego. Sendo uma das primeiras experiências vernaculares, o tato promove uma experiência para além da visão. A superfície pode apresentar infinitas possibilida-

des e une a visão e o tato. (GARCIA, 2019)

O arquiteto e ecologista austríaco Hundertwasser, tinha como premissa projetar conscientemente para estimular os sentidos e promover experiências sensoriais. Ele acreditava que dessa forma podemos nos conectar melhor com o mundo material e isso nos ajudaria a encontrar nosso lugar adequado nele, um caminho de autorreconhecimento e pertencimento. Para ele, a irregularidade do chão era uma melodia para os pés. Suas arquiteturas e seus interiores, eram repletos de organicidade, assimetria e irregularidades como meios de aguçar novas interações entre espaço e usuário. (TASCHEN, 1999)

O arquiteto Peter Zumthor dá uma grande importância para o material, que tanto sensibiliza o usuário pelo tato, quanto pela visão. Ele discute sobre a infinidade de recursos que um só material nos possibilita e dá como exemplo uma pedra (GARCIA, 2019). Ela pode ser cerrada, moída, dividida, polida, levigada, colocada contra a luz, e a cada interferência, teremos um resultado diferente. (ZUMTHOR apud NUNES, 2017)

Pela sinestesia, Zumthor explora a temperatura do espaço, se referindo a capacidade que os materiais têm de suscitar sensações. A experiência visual antecipa a sensação, pois antes de tocarmos o objeto já temos uma noção se o material será quente ou frio, por mais vaga que possa ser essa experiência. O mesmo ocorre com diferentes texturas: antes de tocá-las, já conseguimos imaginar se serão ásperas ou macias. Zumthor considera importante essa preocupação que ele denomina “afinação térmica” dos materiais que utiliza em sua arquitetura e interiores (ZUMTHOR apud NUNES, 2017).

## B) VISÃO

Em nossa cultura, a visão é o sentido mais valorizado e em vários momentos, substituem os outros de tal forma que usamos a expressão “saborear com os olhos”. Cor e forma chegam aos olhos muito rapidamente, porém a cor não é um fenômeno físico. Um mesmo comprimento de onda pode ser percebido de forma única para cada pessoa (ou outros seres vivos, como os animais), ou seja, cor é um fenômeno fisiológico, de caráter subjetivo e individual. Para os sentidos a cor abrange a fisiologia e a psicologia. E em menor intensidade percebemos a forma. (GARCIA, 2019)

Mas todos os fatores visuais – que dependem das proporções – terão que ser organizados de forma a atrair, tomando o cuidado e a atenção de como cada elemento atua, para não repelir o usuário gerando um ruído visual.

A luz tem seu protagonismo nos interiores, e tem a capacidade de redesenhar a cada momento nuances diferentes em um único espaço. Ela altera todo o clima, pode gerar calor e aconchego, e sua temperatura evoca emoções. A iluminação redesenha a casa diurna e noturnamente.

Para Zumthor, a luz sobre as coisas é algo que detém sua atenção: para onde e como ela incide sobre objetos em um ambiente; para onde as sombras estão sendo projetadas; e a qualidade das superfícies que se modificam com a luz. Cada matéria tem a capacidade de absorver um mínimo de luz e refletir na escuridão. Para ele é parte do processo atentar para o “comportamento” dos diferentes materiais perante a luz e sua transitoriedade (ZUMTHOR apud NUNES, 2017).

## C) OLFATO

Os cheiros nos trazem lembranças, sejam elas boas ou más, e é normal os ambientes terem o seu próprio cheiro. Entre as sensações, os cheiros e os sabores são os mais difíceis de capturar por suas naturezas efêmeras. (GARCIA, 2019)

O olfato pode passar de um estágio extremamente agradável, até ao enjojo e ao vício e dormência. Quanto maior for a intensidade e a exposição ao odor, gradativamente vamos avançando para um estágio de insensibilidade. Uma série de exposições contemporâneas estão desafiando os sentidos e provocando experiências para alguns desses sentidos que estão adormecidos.

A casa é um misto de odores, alguns naturais e sutis e outros mais evidentes. É importante planejar a experiência sensorial de um espaço. Esse é um item que nos passa despercebido, mas o cheiro de uma casa ficará na memória de quem habita e de quem visita.

## D) AUDIÇÃO

O contexto urbano nos expõe constantemente aos barulhos da cidade. Ao longo dos anos, nos habituamos a esses ruídos que não são prazerosos, o que nos leva a utilizar outras percepções para compensar o excesso de barulho. Com a audição ocorre o mesmo que o olfato, quando os sentidos são expostos continuamente, ficamos viciados e a percepção adormecida. Quanto mais tempo ficamos expostos, mais insensíveis nossos sentidos vão ficando. (GARCIA, 2019)

O olfato pode passar de um estágio extremamente agradável, até ao enjoo e ao vício e dormência. Quanto maior for a intensidade e a exposição ao odor, gradativamente vamos avançando para um estágio de insensibilidade. Uma série de exposições contemporâneas estão desafiando os sentidos e provocando experiências para alguns desses sentidos que estão adormecidos.

Algumas pesquisas buscaram a experiência do silêncio absoluto, e o que se mostrou é que não existe essa possibilidade. Mesmo que estejamos em um local sem barulho ao redor, ainda restará os sons do corpo, mostrando que é impossível obter o silêncio absoluto. O arquiteto e professor Zumthor argumenta que “mesmo em total silêncio e vazio, cada espaço possui um som próprio” (ZUMTHOR, 2006, 29). Ele chama de “som do espaço” e explica que têm relação com os formatos e superfícies dos materiais esses espaços contêm, como também, a maneira como foram aplicados. Para ele, “interiores são como grandes instrumentos, colecionando sons, amplificando-os, transmitindo-os para outro lugar” (Ibid., p. 29-31).

A câmara anecóica é utilizada para testes de sons. É uma sala totalmente vedada e com revestimento a prova de som para não haver reverberação. De acordo com as experiências, no primeiro momento os ouvidos se adaptam ao silêncio absoluto. Após este estágio a atenção se volta para os batimentos cardíacos e todos os movimentos e sons do organismo de nosso corpo. Mas a pesquisa também nos aponta que para algumas pessoas o silêncio absoluto pode causar transtornos e desequilíbrio, e esse nível difere entre as pessoas. (GARCIA, 2019)

As áreas de conforto ambiental têm cada vez mais pesquisas nos campos científico, neurocientífico e tecnológico na busca de resultados mais eficazes para um equilíbrio saudável nos interiores e

exteriores. A biofilia funcional tem se mostrado eficiente na possibilidade de criar barreiras sonoras e visuais na cidade e nos interiores.

## E) PALADAR

Interiores e paladar não são indissociáveis, muito pelo contrário. A cozinha em várias culturas é o coração da casa e concentra uma grande parte dessa experiência de estar no mundo por meio do paladar, que se transforma em memória: alimentos, frutas, ervas, vapores etc. Essa relação é uma das mais primárias e necessárias na relação do indivíduo com a vida, uma vez que está ligada à sobrevivência, como também, é um hábito prazeroso que nos conecta com a vida e o presente. (GARCIA, 2019)

Nossos ambientes são povoados de materialidades na forma de objetos, superfícies etc. mas a questão é que enxergamos sempre além, e costumamos focar naqueles objetos que já experimentamos anteriormente, algo que guarde semelhante às ideias ou às sensações que temos deles. De acordo com Coccia “Compreender a gênese de alguma coisa não significa interrogar-se imediatamente sobre sua essência ou sobre sua forma. Trata-se muito mais de perguntar onde, através do que, a partir do que, as imagens podem gerar-se nesse mundo” (COCCIA, 19). Ou seja, onde foi gerada a primeira experiência que nos orienta a optar por isso e não por aquilo? Qual a gênese de nossas escolhas?



#### 4.2.3 O CONCEITO DE ATMOSFERA APLICADO À CAPACIDADE DE EXPERIENCIAR OS AMBIENTES

No seu livro "Atmosferas", Peter Zumthor comenta que a qualidade da arquitetura é determinada pela atmosfera que reside nos ambientes. Neste item, busco esclarecer e "desmistificar" o termo "atmosfera" no domínio da arquitetura e dar a perceber como trabalharmos essa característica no processo conceptual arquitetônico. Baseio-me nos nove temas propostos por Peter Zumthor. (DIAS, 2018)

A ambiguidade do termo "atmosfera" dificulta traduzi-lo em praticá-lo na arquitetura. O próprio uso da palavra, pode adaptar-se a uma infinidade de contextos e atribuição de significados. Aqui, a ideia é tentar estabelecer limites do uso deste termo. Quando falamos de "atmosfera" dentro do contexto mencionado, falamos de algo pouco concreto, palpável e pragmático, que se prende com a interpretação subjetiva do homem na sua relação com os espaços arquitetônicos. Por esse motivo, vou tentar perceber como se desenrola o processo de experiência interpretativa do ser humano para poder realmente compreender quais são os fatores que influenciam na criação de "atmosfera", no espaço. (DIAS, 2018)

Etimologicamente, a palavra "atmosfera" deriva do grego antigo *atmós*, vapor, ar, e *sphera*, esfera. Do ponto de vista científico e literal, a palavra refere-se à camada de gases que envolve o planeta Terra ou qualquer outro astro. Estes gases são atraídos à massa do planeta graças à força exercida por ação da gravidade. Porém, "atmosfera" é um termo que se refere também, no seu sentido figurativo, a um conjunto de elementos que condiciona psicologicamente e espiritualmente o ser humano, como por exemplo as cores do céu ou de uma fotografia, a temperatura de um espaço ou um ruído de fundo numa sala. (DIAS, 2018)

Fundamentalmente, tudo o que o ser humano percebe do meio à sua volta provoca um determinado estímulo sensorial que leva a uma reação e a uma interpretação. O conjunto desses estímulos leva a uma condição psicológica e emocional, e é nesta interação que se constrói um ambiente especial ou uma atmosfera. Essa construção dá-se através da nossa capacidade intuitiva e emocional que nos é biologicamente característica, atentando para o fato de que "apesar de não analisarmos ou entendermos conscientemente a interação de fatores meteorológicos, apreendemos a essência do clima num relance e isso inevitavelmente condiciona nosso humor." (DIAS, 2018)

Na música, por exemplo, determinados sons os associamos a uma ou alegria, calma ou euforia. Na música encontramos um bom exemplo de como os estímulos sonoros provocados pelas notas musicais nos fazem remeter a determinados estados de espírito. Conseguir classificar um conjunto dessas características pode levar à criação de atmosferas.

"Dentre as diversas formas de arte, a música é particularmente atmosférica - tem um impacto contundente nas nossas emoções e estados de ânimo, independentemente de quão pouco ou muito entendemos intelectualmente sobre estruturas musicais. [...] O fato de a música nos conseguir fazer chorar é uma prova convincente do poder emotivo da arte, bem como da nossa capacidade inata de interiorizar estruturas emotivas abstratas."

PALLASMAA, 2014, p. 20

Quando falamos de atmosferas neste sentido, falamos de um conceito pouco pragmático e difícil de abordar cientificamente, dada a ambiguidade, subjectividade e variabilidade no que diz respeito à interpretação pessoal de cada sujeito. Na arquitetura, ao contrário das outras artes, como a música, ou o cinema por exemplo, que nos transpõe para "mundos virtuais", a atmosfera dá-se no entrelaçar da arte com o real, concreto, físico e palpável onde a obra é o palco das nossas vivências e fruto do nosso uso. Steven Holl considerou que "só a arquitetura tem a capacidade de oferecer uma experiência completa com o corpo. Fotografia, pintura, e outras artes a duas dimensões só conseguem oferecer uma experiência limitada em comparação com a arquitetura." (HOLL, "A conversation with Steven Holl" por Alejandro Zaera. p.78) . Steen Eiler Rasmussen manifestou ainda a ideia de que o carácter prático da arquitetura a faz destacar-se no campo das artes, quando escreveu que "o arquiteto trabalha com forma e massa, tal como o escultor, e como pintor, ele trabalha com cores. Mas dos três, só a sua é uma arte funcional. Uma que resolve problemas práticos.". Pallasmaa por sua vez observa também que "a atmosfera parece ser um objetivo mais consciente no pensamento literário, cinematográfico, teatral, musical e pictórico do que na arquitetura." (PALLASMAA, 2014, n p.22).

Na ótica que busco, e apoiando-me nos conhecimentos fenomenológicos que debatemos no capítulo anterior, consideramos a "atmosfera" na arquitetura como uma espécie de catalisador da interação que se dá entre o sujeito e a obra, um sentimento sobre determinado lugar, como uma dimensão integradora, onde decorre a experiência perceptiva, interpretativa, e pessoal de uma realidade arquitetônica. Nas palavras de Juhani Pallasmaa: "Quando entramos num espaço, o espaço entra em nós, e a experiência é essencialmente uma troca e fusão entre o objeto e sujeito. [...] A atmosfera é a impressão abrangente, perceptiva, sensorial e emotiva de um espaço,

cenário ou situação social. Ela fornece a coerência e o carácter unificadores para uma sala, espaço, lugar e paisagem, ou um encontro social. É o "denominador comum", a "coloração" ou a "sensação" da situação experiencial. A atmosfera é uma "coisa mental", uma propriedade experiencial ou característica que é suspensa entre o objeto e o sujeito" (PALLASMAA, 2014, p. 20-21). Só nos é possível conceber mentalmente uma atmosfera apoiando-nos no nosso conhecimento e capacidade sensorial e interpretativa. Ou seja, ao imaginarmos a atmosfera de um espaço, somos obrigados a atribuir-lhe determinadas características reconhecíveis para o nosso universo sensorial, como por exemplo de cor, textura, temperatura e iluminação. Ao retirarmos o elemento humano da equação, o conceito de atmosfera deixa de existir conseqüentemente e a arquitetura torna-se efémera. (DIAS, 2018)

Ao estudar o conceito "Atmosferas", foi possível reconhecer a importância da experiência e das reflexões sobre a existência humana.

Peter Zumthor aborda na sua obra de 2006, Atmosferas nove temas que devem ser observados para se conseguir imprimir "atmosferas" a um lugar e que podem se constituir como um método. O primeiro dos nove temas que Zumthor aborda na sua obra de 2006 é **"o corpo da arquitetura"**.

”  
"O que considero o primeiro e maior segredo da arquitetura, é que consegue juntar as coisas do mundo, os materiais do mundo e criar este espaço. Porque para mim é como uma anatomia."

ZUMTHOR, 2009, p. 22

Zumthor vê a arquitetura como uma analogia ao corpo humano, que possui uma superfície visível, uma pele, e um conjunto de coisas que não conseguimos ver, mas que estão lá, e que fazem dele uma espécie de organismo, que respira e que envelhece, no qual vivemos mas que também vive em função de nós e do que está em contacto consigo. (DIAS, 2018)

O segundo tema é a "**consonância dos materiais**".

Este é um dos principais pontos fortes na arquitetura de Peter Zumthor, talvez por ter nascido numa família de carpinteiros e artesãos, demonstra uma especial sensibilidade para com os materiais, para com a forma de os trabalhar e para com o pormenor. À semelhança do arquiteto alemão Mies van der Rohe, filho de um pedreiro, a experiência desde cedo com o manuseamento do material traduz-se numa consciência de precisão, solidez e acabamento. (DIAS, 2018)

“Colocamos as coisas de forma concreta, primeiro mentalmente, depois na realidade. E vemos como reagem umas com as outras. E todos sabemos que reagem umas com as outras! Materiais soam em conjunto e irradiam, e é desta composição que nasce algo único. Os materiais são infinitos - imaginem uma pedra que pode serrar, limar, furar, cortar e polir, e ela será sempre diferente. E depois imaginem a mesma pedra em quantidades pequenas ou em quantidades enormes, será mais uma vez diferente. Apenas um material e já tem mil possibilidades.”

ZUMTHOR, 2009, p. 25

A escolha dos materiais é para Peter Zumthor um dos aspectos fundamentais nos seus projetos. Este cuidado é de fato uma das características que faz dele um arquiteto perfeccionista. Todavia, a sua natureza cuidadosa é perfeitamente justificável quando pensamos que a arquitetura se faz com materiais, e que são os materiais que direta ou indiretamente se relacionam com os nossos órgãos sensoriais, e que conseqüentemente comunicam conosco na experiência vivida da arquitetura. (DIAS, 2018)

“A vulgaridade da construção estandardizada atual é fortalecida por um senso de materialidade enfraquecido.”

PALLASMAA, 2005, P.31

Atentando ao fato de que a arquitetura contemporânea perdeu força nas suas capacidades experienciais descartando materiais naturais em prol do uso de outros mais artificiais e sintéticos. Argumenta que os materiais naturais, e especialmente locais, têm uma capacidade empática superior com o ser humano, tanto pela sua organicidade que se reflecte no processo natural de envelhecimento, como nos vínculos que se dão com o contexto e história do homem e da sua cultura local. (DIAS, 2018)

Na arquitetura de Zumthor é possível ver um especial cuidado no uso e escolha dos materiais, assim como na forma como são aplicados e reorganizados entre si. O uso de materiais vernáculos e locais é muito comum nas obras dele, assim como também destaca a originalidade que revela nas técnicas construtivas apresentadas em resposta às limitações e adversidades de algumas das suas obras. (DIAS, 2018)

"A sensação que eu tento inculir nos materiais vai além de todas as regras de composição, e da sua tangibilidade, olfato e qualidades acústicas são meros elementos da linguagem que somos obrigados a usar. O senso emerge quando eu consigo destacar os significados específicos de certos materiais nos meus edifícios, significados que só podem ser percebidos exatamente desta maneira particular neste edifício especificamente."

ZUMTHOR, 2006, p. 10

O terceiro tema destacado por Zumthor é "**o som do espaço**" e do papel que o som e as qualidades acústicas desempenham na atmosfera e na experiência da arquitetura.

"Ouçam! Cada espaço funciona como um instrumento grande, coleciona, amplia e transmite sons. Isso tem a ver com a sua forma, com a superfície dos materiais e com a maneira como estes estão fixos. Um exemplo: imaginem um pavimento de madeira de pinheiro maravilhoso como um estojo de violino, colocado sobre madeiras na sua sala. Ou outra imagem: Estão a colá-lo à placa de betão! Sentem a diferença no som?"

ZUMTHOR, 2006, p. 29

Quando falamos de som do espaço falamos indubitavelmente da experiência vivida. Na obra de Juhani Pallasmaa é notória a importância das qualidades acústicas e do papel do som na arquitetura. Para Zumthor, que se interessa pela experiência através da "atmosfera",

é natural que o som seja uma constante no seu pensamento conceptual. Zumthor associa o som à memória, "o que primeiro me vem à cabeça são os ruídos de quando era criança, os barulhos da minha mãe a trabalhar na cozinha." (ZUMTHOR, 2006, p. 31)

Como quarto tema, Zumthor propõe "**a temperatura do espaço**". Tal como no som, esta é também uma característica relacionada com a experiência sensorial.

"Para a execução do Pavilhão da Suíça em Hanôver utilizamos muita, muita madeira, muitas vigas de madeira. E quando havia calor, estava fresco neste Pavilhão como numa floresta, e quando fazia frio, havia mais calor lá dentro do que lá fora, mesmo não estando fechado."

ZUMTHOR, 2006, p. 35

A temperatura dos espaços, tem muito a ver com a escolha dos materiais. Como observa Zumthor, a madeira é um material que se adapta termicamente a nosso favor. É um material natural, maleável e favorável ao toque e ao olhar, que envelhece, tal como nós, organicamente, e talvez por essas razões acreditamos que seja um dos materiais favoritos dos homens. A temperatura dos materiais não se sente só fisicamente, Zumthor observa que a nossa pré-concepção também formula um jogo psicológico. Ou seja, sabemos que o aço é um material frio por natureza. Inconscientemente associamos-lhe essa característica, embora o aço seja um material com uma grande capacidade de condução térmica. Imaginemos uma porta toda em aço, com o puxador também no mesmo material. Provavelmente nessa imagem a porta é fria e desagradável ao toque. Agora imaginemos que essa porta na verdade é um alçapão no meio do deserto. Provavelmen-

te a ideia da temperatura do material é completamente diferente. Em ambos os casos, é sempre desagradável ao toque. Em muitas situações a atmosfera dos espaços é definida por este jogo subconsciente que nem sempre corresponde à sua realidade física, é uma questão de contexto, e Zumthor sabe disso. (DIAS, 2018)

A madeira só por si é também um bom exemplo para reflectir neste sentido. Na sua diversidade de tonalidades, padrões e consistência, repararemos que existem madeiras que consideramos quentes e outras frias, quando em muitos casos essa diferença de temperatura só existe no sentido figurativo. Na prática a performance térmica das diferentes madeiras é provavelmente muito semelhante, mas o mesmo talvez não aconteça no contexto atmosférico do espaço.

**"As coisas que me rodeiam"** é o quinto tema que Zumthor apresenta no seu livro. Refere-se às coisas que preenchem os edifícios, as mobílias, os livros nas estantes das nossas casas, os nossos objectos pessoais que fazem dos espaços arquitetónicos espaços vividos. No fundo estas coisas reflectem a nossa identidade e inevitavelmente projetam nos nossos espaços arquitetónicos um sentido pessoal de atmosfera.

”

"Esta ideia, de que entrarão necessariamente coisas num edifício que eu como arquiteto não concebo, mas nas quais penso, dá-me de certa forma uma visão futura dos meus edifícios, que se desenrola sem mim."

ZUMTHOR, 2006, p. 41

É de fato peculiar a sensibilidade de Peter Zumthor ao ponto de projetar os seus edifícios considerando este ponto de vista. Realmente se refletirmos acerca desta questão, provavelmente chegaremos à conclusão que uma grande parte dos arquitetos não pensa desta maneira. Pensemos na fotografia da arquitetura, como exemplo, que tendencialmente tenta obter um sentido minimalista extremo, afastando qualquer elemento que possa parecer estar "a mais" na composição. Este é um exemplo só, no qual se pensarmos com mais profundidade podemos ver refletido como uma tirania que molda a mentalidade dos arquitectos e dos jovens estudantes de arquitetura da nossa geração pela influência que exerce na nossa concepção de "qualidade arquitetónica". Não quer dizer que seja propriamente errado que a fotografia de arquitetura tente afastar elementos que na verdade não interessa mostrar. Mas na realidade a higienização em extremo e o carácter impessoal nela retratados é atualmente o "decor de eleição", tal como Mark Wigley comentou em referência a Le Corbusier. (DIAS, 2018)

Pallasmaa, na sua natureza crítica chegou a comentar ainda o seguinte acerca desta perda de sensibilidade dos arquitectos:

”

"Decoradores de interiores, cenógrafos e designers de interiores de lojas e exposições, para não mencionar funerárias e locais de casamento, parecem estar mais conscientes do papel seminal do ambiente do que os arquitetos, que tendem a pensar mais em termos das qualidades "puras" de espaço, forma e geometria. Entre os arquitetos, a atmosfera é julgada como algo romântico e de entretenimento superficial."

PALLASMAA, 2014, p. 22

"Entre a serenidade e a sedução" é o sexto tema. Tem a ver com o caráter percorível e temporal dos espaços arquitetônicos. Zumthor considera que a arquitetura é uma arte espacial mas também temporal. Na sua ótica a arquitetura tem a capacidade de manipular os nossos percursos dentro dos edifícios. Isto pode ser feito de diversas maneiras, imaginemos o corredor de um hospital, aqui o percurso é linear, objetivo e dificilmente surpreendente. Por outro lado, temos por exemplo Siza Vieira, que vincula fortemente uma ideia de percurso aos seus projetos. No museu Kolumba de Zumthor, o conceito de percurso é um pouco semelhante, se move livremente, apesar de haver um certo sentido de sequência dos espaços. Como se o arquiteto traçasse o percurso mas deixa os usuários percorreres arbitrariamente. Zumthor refere-se a um tipo de percorrer o espaço por meio da sedução, que é no fundo um "vaguear livre". Refere que gosta de imaginar como nos movimentamos no edifício e de poder ver os polos de tensão em que pretende trabalhar. (DIAS, 2018)

"Vou dar-vos o exemplo daquela piscina termal que fizemos. Achamos muito importante criar um certo "vaguear livre", não conduzir, mas seduzir. [...] Nesta piscina tentámos levar as unidades espaciais a um ponto em que funcionam por si só. [...] Tenho de dizer que isto é um dos meus maiores prazeres: não ser conduzido, mas sim poder deambular - drifting"

VIEIRA, 2000, p. 73

O sétimo tema é "**a tensão entre interior e exterior**". Zumthor revela um especial fascínio sobre este tema que reflete um jogo entre o domínio individual e privado e o domínio público, entre a sensação de abrigo e segurança e a sensação de estarmos expostos e vulneráveis. Nas suas palavras "é com isto que a arquitetura trabalha". Esta é, talvez senão, a tarefa mais básica e primordial da arquitetura, de construir

uma espécie de invólucro protetor que nos reúne e forma uma barreira entre o interior e o exterior, e que tem a capacidade de pontuar essa relação de acordo com a nossa intencionalidade.

"Na arquitetura retiramos um pedaço do globo terrestre e colocamo-lo numa pequena caixa. E de repente existe um interior e um exterior. Estar dentro e estar fora. Fantástico."

ZUMTHOR, 2006, p.47

Há diversas formas de trabalhar esta relação, se colocar em perspectiva as obras de Mies van der Rohe, ou da arquitetura tradicional japonesa em comparação com a arquitetura tradicional norte africana ou com os castelos medievais, percebemos um grande senso de contraste e diversidade nesta característica de invólucro inata da arquitetura. Naturalmente sabemos que são exemplos completamente distintos com diferenças muito vincadas em termos de intenção funcional e cultural, mas é precisamente nesses exemplos óbvios que conseguimos perceber a questão no seu âmago. (DIAS, 2018)

"A fachada diz: sou, posso, quero, seja o que for que queiram dizer o dono de obra e o arquitecto em conjunto. E a fachada diz também: mas eu não vos mostro tudo. Certas coisas estão lá dentro e não vos dizem respeito."

ZUMTHOR, 2006, p.49

Pensando ainda nas diferenças entre a arquitetura do norte e do sul da Europa e como se reflete na arquitetura através das fachadas. Naturalmente os países nórdicos têm uma escassez de luz solar que obriga a encontrar formas de colmatar essa insuficiência.

Como resultado as fachadas são marcadas por aberturas maiores que resultam numa relação mais desinibida entre os espaços interiores e exteriores. Certamente que no sul europeu esta atitude resultaria num excesso de incidência solar que provocaria um desconforto térmico nos espaços interiores. Mas repare-se que este jogo de abrir ou fechar uma fachada se manifesta num carácter mais profundo ainda, refletindo-se ou resultando das características culturais e sociais. Por vezes é difícil perceber se primeiro veio a galinha ou o ovo. Em Amsterdã, por exemplo, as pessoas raramente fecham as cortinas, o que é muito comum para os holandeses estarem nos seus apartamentos sem se preocuparem com questões de intimidade para com o exterior. Ao contrário, em Portugal, por exemplo, a cultura é muito mais fechada e é típico termos as nossas janelas encerradas para os vizinhos não espreitarem para o interior das habitações. Esta relação interior-exterior é sem dúvida um fator a ter em consideração quando pensamos em "atmosferas" e Zumthor preocupa-se com isso nos seus edifícios:

"O que é que nós, que o utilizamos, queremos ver, quando estamos lá dentro? O que é que quero revelar? E qual é a referência que o meu edifício leva até ao público?"

ZUMTHOR, 2006, p.49

Daqui partimos para o oitavo tema, os "**degraus de intimidade**", que se relaciona com os aspectos de proximidade e distância.

"Um arquiteto clássico diria: escala. Mas isso soa muito académico, estou a falar num sentido mais corporal de escala e dimensão. O que abrange vários aspectos que se relacionam comigo, o tamanho, a dimensão, a escala e a massa da obra. [...] Ou seja, o tamanho, a massa e o peso das coisas. A porta fina e a porta grossa. O muro fino e o muro grosso."

ZUMTHOR, 2006, p.51

Zumthor aqui procura destacar a relação que o corpo humano tem com o corpo dos edifícios e como é que isso afeta a nossa experiência. Segundo ele, é interessante perceber como a proporcionalidade ou desproporcionalidade da escala pode ser usada nesse sentido, para nos intimidar, ou dar uma sensação de conforto, ou para nos enaltecer. A arquitetura consegue moldar os espaços nesta perspectiva, e como tal, em cada caso específico devemos ter isso em consideração. (DIAS, 2018)

Imaginemos uma estação ferroviária, ou um estádio de futebol, ou o interior de uma igreja ou de um palácio. Em todos estes casos podemos imaginar edifícios com uma desproporção de escala para o corpo humano.

"Não se pode simplesmente dizer, grande é mau, falta a escala humana. [...] A escala humana significa, neste sentido, mais ou menos do nosso tamanho. Mas não é tão simples assim."

ZUMTHOR, 2006, p.55

Refere ainda que no seu trabalho gosta de pensar que faz os edifícios para ele, ou para alguém em particular, ou para ele inserido numa multidão. Este exercício ajuda-nos a obter uma noção da experiência no contexto do uso que é importante para o carácter atmosférico. Esta preocupação da escala humana na sua relação com a arquitectura já não é uma novidade e podemos verificá-la ao longo da história em casos como o Homem Vitruviano ou o Homem Modulor de Le Corbusier. Estas perspectivas, embora fundamentadas em princípios mais abstratos, voltados para as matemáticas e para a geometria, têm na verdade um fundo que procura uma harmonia ao trabalhar a arquitectura em função da experiência humana. (DIAS, 2018)

O último dos nove temas de Peter Zumthor é "a luz sobre as coisas". O papel da luz na arquitectura, seja ela natural, ou artificial, é crucial na experiência arquitectónica e infelizmente muitas vezes negligenciado e subvalorizado pelos arquitectos e escolas de arquitectura. Tal como indica Zumthor, "ao projectar um edifício não vamos no fim buscar o engenheiro electrotécnico e dizer: bom, onde é que queremos colocar as luzes e como é que vamos iluminar esta coisa?" (ZUMTHOR, 2006,p. 59-61)

No meio académico há a preocupação com "conceito", "forma", "ritmo" e "percurso", e até com a orientação solar. Todos são importantes para a arquitectura, mas considero que a luz é um tema muito relevante e gerador de ambiências diferenciadas, gerador de atmosferas.

No seu livro, Peter Zumthor partilha as suas duas ideias preferidas de abordar a luz no processo de trabalho. Uma delas consiste em "pensar o edifício primeiro como uma massa de sombras e a seguir, como num processo de escavação, colocar luzes e deixar a luminosidade infiltrar-se." Na outra propõe "colocar os materiais e superfícies, propositadamente, à luz e observar como reflectem." Esta segunda,

naturalmente requer um cuidado especial na escolha dos materiais e um conhecimento sobre os mesmos e exige ainda um processo experimental e de apuração dessas experiências. (DIAS, 2018)

Zumthor se preocupa com o "Onde está a luz e de que forma. Onde existem sombras. E como as superfícies são baças ou brilhantes ou ressaltam a profundidade." (ZUMTHOR, 2006, p.59). Ele revela um imenso prazer em trabalhar com a luz, em especial com a luz natural, e considera um privilégio para os arquitectos terem a capacidade de manipular a luz e a sombra e poder usá-las para enriquecer os seus edifícios. (DIAS, 2018)

Podemos ver na obra de Louis Kahn, em particular, uma exímia preocupação com o tratamento da luz natural e como isso se reflete na atmosfera dos seus espaços. O arquitecto estoniano começou muitos dos seus projetos com um estudo de luz natural, e trabalhava em função disso. Os sistemas construtivos e materiais utilizados nas suas obras faziam-se com uma consciência da luz sobre as coisas, destacando os elementos da construção, paredes e ângulos, através das entradas de luz e dos efeitos de sombra. (DIAS, 2018)

capítulo

# 05

## EXPERIÊNCIA DOS HÓSPEDES DE UM RESORT

### *Resumo do capítulo*

Neste capítulo, me aprofundo na outra corrente teórica a qual dediquei meus estudos, a fenomenologia. Em minhas buscas e leituras, encontrei diversos materiais da professora Sueli Garcia, que fez doutorado em Arte, Educação e História da Cultura pelo Mackenzie e mestrado em Comunicação na Unip. É coordenadora e docente dos cursos de Graduação em Design de Interiores e Design de Produto da Belas Artes de São Paulo. É também professora da Pós de Design de Interiores e Mestrado da mesma instituição. Atualmente é vice-presidente do Cac da ABD. Em seus textos, ela trouxe análises e formas de interpretação que me identifiquei bastante, principalmente de Peter Zumthor, além de simplificar alguns textos de autores mais complexos.

No capítulo 4 explico o que é fenomenologia, a importância da percepção e sensorialidade nesta corrente teórica e me utilizo muitas das ideias de Peter Zumthor, tanto para entender como cada um dos 5 sentidos pode ser aplicado no projeto, como também compreendendo as 9 etapas na criação de atmosferas.



## 5.1 CORRELACIONANDO PARTE DO PROGRAMA DE NECESSIDADES DE UM RESORT A FORMA QUE OS HÓSPEDES PERCEBEM O AMBIENTE

Após analisar o produto em questão -resorts-, contemplando sua história e seu programa de necessidades e também conhecer mais a respeito da neurociência e fenomenologia dentro do universo da arquitetura, chega o momento de correlacionar esses conteúdos. Abordando de maneira prática a aplicação desses conceitos teóricos contemporâneos em cada uma das atmosferas que os hóspedes têm acesso durante a sua estadia nesses empreendimentos.

O estudo será em um empreendimento escolhido baseado na avaliação da principal opinião a respeito de um resort, a dos hóspedes. Quando falamos sobre avaliar arquitetonicamente um projeto, existem itens que são indiscutíveis, como por exemplo a orientação do edifício em relação a fachadas e suas aberturas, levando em consideração o conforto ambiental térmico. Isto não se trata da opinião de um arquiteto ou de outro, e por mais que possam ser escolhidas diversas soluções para proporcionar este tipo de conforto (por exemplo formato das aberturas, se vai ser uma janela com a presença de esquadria ou somente um vão e etc), ao final do projeto, se a solução for eficiente, não há como falar que "o edifício é ruim pois não tem conforto térmico ambiental". Mas existem vários outros pontos que se trata apenas de opinião. Para arquitetos, olhar um projeto e achá-lo feio ou "fraco", muitas vezes, se trata apenas da opinião de um profissional que tem uma visão mais aguçada, e referências projetuais mais arrojadas e que fogem do tradicional. Mas para o cliente final de um empreendimento desta natureza e deste porte, ter uma experiência incrível vai além de por exemplo, uma decisão projetual que desafie a gravidade através de um balanço absurdo ou de referências projetuais internacionais (até porque como já foi falado, uma das principais caracte-

terísticas de empreendimentos como resorts é trazer a cultura local para o projeto). E no final das contas é isto que importa, a opinião e experiência dos usuários.

Portanto, a escolha dos resorts foi baseada no ranking Travellers' Choice 2022, Best of the Best (em tradução livre: Escolha dos viajantes 2022, O melhor dos melhores), que se trata de um ranking feito pelo renomado site de viagens Tripadvisor.

"O Travellers' Choice – Os melhores dos melhores é o nosso maior prêmio. Ele leva em consideração a qualidade e a quantidade de avaliações e pontuações dos viajantes e classifica as melhores acomodações, destinos, praias, atrações, restaurantes, companhias aéreas e experiências em categorias e áreas geográficas específicas, conforme pontuado e avaliado pelos viajantes. Os vencedores do prêmio Travellers' Choice – Os melhores dos melhores fazem parte do grupo de 1% dos melhores perfis no Tripadvisor."

TripAdvisor, [https://www.tripadvisor.com.br/Trust-IAkEadpFVlyU-Tripadvisor\\_awards.html](https://www.tripadvisor.com.br/Trust-IAkEadpFVlyU-Tripadvisor_awards.html)

O ranking desta mesma premiação em 2019 foi feito a partir de 155 milhões de avaliações de hóspedes do mundo inteiro (informação retirada do portal de transparência do próprio site). Os números da pesquisa de 2022 não foram divulgados, mas são ainda maiores.

O resort escolhido para ser feito o estudo de caso foi o Salinas Maragogi All Inclusive Resort, localizado em Alagoas, que atingiu o primeiro lugar como o melhor resort all inclusive da América da Latina e 18º lugar entre os melhores resorts all inclusive do mundo no ranking Travellers' Choice 2022, Best of the Best.

Tive a oportunidade de fazer a visita in loco durante todo o desenvolvimento deste trabalho, inclusive como hóspede em alguns momentos. A maioria das fotos são autorais, e além de ter a minha opinião como usuária do empreendimento, também levei em consideração as respostas da pesquisa de satisfação que é enviada para todos os hóspedes após o checkout. Tive acesso a todo este histórico do último ano e utilizei deles como uma validação qualitativa a respeito das análises feitas utilizando dos conceitos teóricos abordados.

### 5.1.1 ESTUDO DE CASO SALINAS MARAGOGI ALL INCLUSIVE RESORT

Irei fazer as análises de maneira separada primeiramente pela implantação e em seguida pelos ambientes, mostrando fotos do espaço em questão e ressaltando os pontos fortes de acordo com o que o ambiente pretendia passar e os pontos de melhoria, tudo isso embasado nos estudos teóricos feitos e apresentados ao longo deste trabalho.

É importante levar em consideração o contexto histórico em que projeto inicial do Salinas Maragogi é inaugurado, por volta de 1989. Portanto, a base do projeto se limita às técnicas construtivas e acabamentos da época. De lá para cá, houve expansões que se adequam ao passar do tempo, mas sempre respeitaram e se preocuparam com o projeto inicial.

#### A) IMPLANTAÇÃO

Recapitulando o programa de necessidades mencionado no capítulo 2 (tópico 2.2), quando se fala de localização de um resort, é comentado sobre:

- Locais em região com meio ambiente de grande apelo turístico e paisagístico e excelentes condições climáticas tropicais;
- Fácil acesso a partir dos principais centros emissores de turistas pretendidos;
- Local de fácil acesso ao aeroporto;
- Local de fácil identificação em relação à estrada ou à rodovia;
- Deve ser verificada a disponibilidade de água, de infra-estrutura, de energia e telecomunicações;
- Deve ser observada a legislação de proteção ao meio ambiente.

Dentro do livro "O menino e a arraia: a trajetória de vida e de sucesso do fundador do Salinas All Inclusive Resorts", foi possível encontrar relatos de como se deu a ideia da implantação e a motivação para isto, dando para entender um pouco de quais eram as intenções com o projeto.

"Eu estava no Sítio Carió quando tive a ideia de construir o Salinas Maragogi All Inclusive Resort. Havia comprado o sítio, localizado no alto de uma colina, [...]; de lá tinha visão privilegiada de uma área de praia que havia adquirido anos antes em Maragogi.

Naquele dia, a imagem registrada pela minha retina era simplesmente paradisíaca e assemelhando-a a uma tela gigante: no alto, o mar em tons de verde e azul-turquesa translúcido dominava parte da paisagem; no meio, piscinas naturais formadas por arrecifes de corais e de arenito impunham certo charme ao formar manchas irregulares em tons de marrom; no canto inferior da tela, um traço significativo de areia fina e branquinha separava o mar dos enormes coqueirais, que pareciam se debruçar sobre o mar em sinal de reverência; e, para completar a obra, havia um rio de água doce e cristalina protegido, de um lado e de outro, por imensos manguezais."

VASCONCELLOS, 2017, p.100)

Através deste relato, fica claro o impacto da beleza natural local e a importância que seria dada a ela com a implantação do empreendimento, assim como pode ser notado na imagem a seguir.

Figura 12: Implantação Salinas Maragogi



Fonte: Divulgação Amarante Hotéis

"A natureza é nossa aliada e temos enorme respeito por ela. Desde o início das nossas atividades, nós nos preocupamos com o desenvolvimento sustentável e a responsabilidade social. Um dos nossos diferenciais é a preservação de áreas verdes nas nossas unidades hoteleiras.

O cuidado com a natureza também é uma maneira de respeitar-

tamos o meio em que vivemos, afinal estamos de passagem pela Terra e devemos agir como hóspedes que fazem check-out quando a estadia termina. Como hóspedes que somos do planeta, temos a obrigação de preservá-lo para o bem das futuras gerações. [...]"

VASCONCELLOS, 2017, p.101

A preservação da natureza nesse empreendimento traz benefícios além do cuidado com o planeta como foi mencionada tal preocupação. Fruto de uma relação inata, o conceito da biofilia diz respeito à necessidade do ser humano em estar conectado com a natureza. Browning e Cooper (2015) afirmam que se um ambiente construído tiver conexão direta (neste caso mar, rio, fauna e flora) ou indireta com a natureza pode ajudar na diminuição do estresse, aumento do bem-estar pessoal e relaxamento. Já que momentos de relaxamento é uma busca pelo público alvo de resorts, este contato com a natureza é um grande ponto forte.

Além disso, como estudam Peter Zumthor e Pallasmaa, outros sentidos além da visão fazem parte da percepção do ambiente. Dentro deste tópico da implantação irei destacar dois deles, o olfato e a audição. A grande preservação da natureza proporciona não só um ar mais puro e agradável de se respirar, como também tem um poder acústico incrível em relação ao meio exterior, concentrando e destacando o som dos pássaros e das ondas do mar. Criando de fato, uma atmosfera diferenciada. Principalmente quando comparada ao cenário caótico das grandes cidades, locais onde geralmente os hóspedes residem.

O contato com a natureza não para aí. Há uma trilha que incorpora as belezas naturais na planta do resort, valorizando-a e a tornando em uma atração.

”

"O lugar que serviu de inspiração para a sua construção virou um mirante, a trilha que leva até ele começa no hotel, cruza a rodovia por meio de um túnel e, enquanto caminha, o visitante conhece os manguezais e nossa proposta de preservação do meio ambiente. A caminhada dura cerca de 15 minutos, é recompensada pelo visual surpreendente que rouba o fôlego e enche os olhos dos turistas de encantos."

VASCONCELLOS, 2017, p.102

Figura 13: Entrada da trilha Salinas Maragogi



Fonte: Autoral

Uma outra maneira de incorporar o ambiente no projeto foi através das pontes que ligam as duas glebas do empreendimento, que são divididas pelo rio de água doce e manguezais, já mencionado. As pontes em madeira, auxiliam na transmissão de temperatura do espaço, já que esta tem muito a ver com a escolha dos materiais. Como observa Zumthor, a madeira é um material que se adapta termicamente a nosso favor. É um material natural, maleável e favorável ao toque e ao olhar, que envelhece, tal como nós, organicamente, e talvez por essas razões acredita-se que seja um dos materiais favoritos dos homens.

Figura 14: Visão das pontes de cima



Fonte: Divulgação Amarante Hotéis com adaptação da autora

A passagem pela ponte é um verdadeiro espetáculo, quase como estar flutuando por cima do rio. A forma como o material dela parece fazer parte de toda essa atmosfera criada é mais uma característica que chama atenção.

Figura 15: Vista ao passar pela ponte 2



Fonte: Autoral

Um grande projeto vai além das preocupações de seus muros para dentro, é preciso entender os impactos que ele causa em seu entorno e no que a falta no seu entorno causa no projeto. Levando isso em consideração, outra preocupação importante na implantação de um projeto deste porte, inserido neste ambiente, é a infraestrutura.

"No início da década de 1980, Maragogi era apenas um pontinho a mais no mapa do Brasil e inexistente para o resto do mundo. Além da localização, a região não tinha infraestrutura, como luz elétrica, canalização de esgoto, linha telefônica e estradas pavimentadas. Não me lembro de ter pensado nessas dificuldades estruturais, a ideia de um hotel no local era tão boa que a infraestrutura, naquele momento, tornou-se irrelevante e eu só pensava em arregaçar as mangas e começar a construir.[...]

Com o desenvolvimento do turismo local, faz-se necessário promover melhorias na estrutura local. [...]"

VASCONCELLOS, 2017, p.104

Para finalizar a análise da implantação do Salinas Maragogi, trouxe um trecho sobre o crescimento do programa de necessidades e das unidades habitacionais que foram aumentando.

"Para desenvolver o projeto, chamei o arquiteto Marcos Vieira, que havia sido responsável por importantes projetos na área do turismo em Alagoas. [...] O projeto era inovador e traria benefícios para a região e, tão logo foi aprovado, iniciamos a construção do hotel, que contemplava 96 apartamentos, além da infraestrutura de apoio e lazer.[...]

[...] A medida que crescemos em ocupação, passamos de 96 para 236 apartamentos e ampliamos a área de lazer e de serviços com restaurantes, quadras, academia, piscinas, sauna, spa e salões de jogos e de festas."

VASCONCELLOS, 2017, p.104

Figura 16: Planta de implantação do resort



Fonte: Escritório de Arquitetura DWG

Atualmente, o resort conta com 7 blocos de quartos, totalizando 344 unidades habitacionais, 8 piscinas, 4 restaurantes, sendo 3 temáticos, 1 lanchonete, 3 bares, 4 quadras, 1 espaço para shows, além dos mini palcos espalhados pelo ambientes, 1 spa, 1 espaço kids, 1 espaço teen, 3 quiosques terceirizados e 1 casa de apoio para atividades náuticas. Totalizando mais de 29.600 metros quadrados de área construída implantados em mais de 116.700 metros quadrados de terreno.

## B) LOBBY

Antes mesmo de chegar ao lobby, é necessário passar pela cancela de acesso e já é possível avistar alguns blocos de quarto e o bloco principal. Será notado que todos os revestimentos externos são em cascalho, que se trata de tijolos naturais maciços rústicos, com formatos e cores alaranjadas irregulares por serem feitos manualmente, inclusive, se trata de um produto com produção local. Esta escolha projetual junto a estrutura dos telhados em madeira aparente, sem acabamento em forro, com o assoalho também em madeira e o piso em cariri, que são pedras calcárias amareladas, também naturais, marcam a entrada ao lobby. São decisões muito assertivas para um projeto que propõe um contato com a natureza. Assim como Peter Zumthor, que acredita que são os materiais que direta ou indiretamente se relacionam com os nossos órgãos sensoriais, e que conseqüentemente comunicam conosco na experiência vivida da arquitetura, não faria sentido paredes lisas com porcelanatos perfeitos e idênticos uns aos outros, dentro desta atmosfera natural que se quer passar logo na chegada dos hóspedes. Pallasmaa comenta que "a vulgaridade da construção estandardizada atual é fortalecida por um senso de materialidade enfraquecido." Atentando ao fato de que a arquitetura contemporânea perdeu força nas suas capacidades experienciais descartando materiais naturais em prol do uso de outros mais artificiais e sintéticos. Argumenta que os materiais naturais, e especialmente locais, como o caso do cascalho, têm uma capacidade

empática superior com o ser humano, tanto pela sua organicidade que se reflete no processo natural de envelhecimento, como nos vínculos que se dão com o contexto e história do homem e da sua cultura local.

Figura 17: Lobby



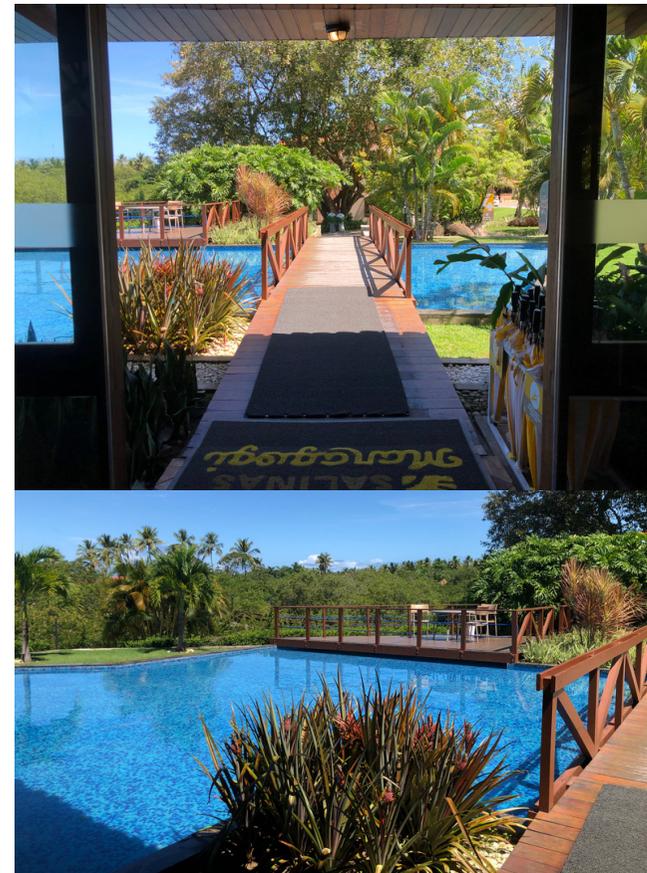
Fonte: Autoral

A primeira impressão com um ambiente interno do resort é através do lobby/recepção. É lá onde acontece a parte burocrática de documentação para check in na chegada e a entrega dos cartões do quarto e despedida do lugar no checkout. A escolha de rodear toda a recepção com janelas de vidro, esquadrias de madeira escura e todos os outros materiais naturais mencionados, transmitem a sensação de calor, acolhimento e aconchego, principalmente por causa das tonalidades quentes naturais. Quase como um abraço quente de boas vindas ou de despedida. As janelas em vidro que rodeiam todo o lobby

servem como um spoiler do que está por vir no caso do check in, e do que ele está se despedindo e deixando saudades, ficando com gosto de quero mais, no checkout. A vista se trata de uma grande massa verde e do rio que corta o resort.

O pé direito alto transmite a sensação de amplitude e grandiosidade, passando a sensação da grande magnitude do que vem após as portas e janelas de vidro que o separam do paraíso que está por vir.

Figura 18: Porta de vidro lobby



Fonte: Autoral

### C) RESTAURANTE

Após algumas horas de avião e/ou carro até a chegada do destino final e após fazer o check in, não é bem rumo aos quartos que a grande maioria dos hóspedes vão, mas sim, aos restaurantes. Uma das principais motivações em buscar um resort all inclusive está no quesito alimentos e bebidas

O restaurante principal (Galés), se situa no mesmo bloco do lobby, seguindo os mesmos padrões de acabamentos de piso, parede, esquadria e coberta. Porém, o pé direito é ainda mais alto por causa da inclinação necessária, o que ajuda bastante na circulação gasosa quente (tanto por causa do grande fluxo de pessoas, como também por causa das comidas) que sobe, permitindo um ar mais fresco e renovado no nível de altura em que os hóspedes se encontram. As luminárias também trazem um destaque a mais para o ambiente.

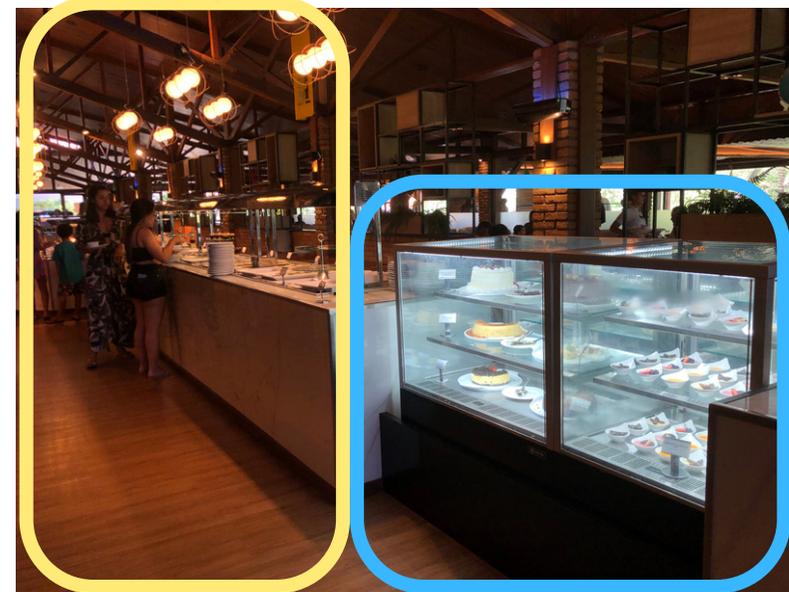
Figura 19: Restaurante pé direito



Fonte: Autorial

Falando em iluminação, é interessante ressaltar o contraste da coloração criado entre uma iluminação mais amarelada nas comidas quentes e uma iluminação mais azulada nos doces frios. Segundo Peter Zumthor, a luz tem seu protagonismo nos interiores, e tem a capacidade de redesenhar a cada momento nuances diferentes em um único espaço. Neste contexto, a iluminação entra desempenhando o papel do quarto dos nove temas para a criação de uma atmosfera segundo Zumthor, a temperatura dos espaços.

Figura 20: Galés iluminação quente e frio



Fonte: Autorial

A proposta para os demais restaurantes é de serem temáticos italiano e nordestino, mas como eles seguem as mesmas características mencionadas anteriormente (acabamentos, pé direito, estrutura de madeira a mostra, casquilho nas paredes e etc), de certa forma é um ponto fraco no empreendimento. Se todas essas caracte-

rísticas criam uma atmosfera específica, a mesma atmosfera está sendo replicada em outros 3 restaurantes, sendo perdida a oportunidade da criação de restaurantes, de fato, temáticos. Um bom exemplo da aplicação de atmosferas diferentes em restaurantes temáticos dentro de um mesmo empreendimento é o do Hotel Rosewood no complexo Matarazzo na cidade de São Paulo. A sensação que se transmite é de estar em um local completamente diferente do restaurante anterior, mesmo todos estando no mesmo hotel. Há a mudança de todos os detalhes construtivos, incluindo os acabamentos de revestimentos, formato e material do forro, estilo de mobiliário, cores e texturas no geral. Todas as escolhas projetuais e detalhes se conversam em prol de uma única atmosfera, de fato entregando uma proposta de restaurante temático que vai além de um cardápio. Para exemplificar, trarei 2 restaurantes dentro deste empreendimento que tive o prazer de visitar: o Rabo de Galo e o Casa da Vovó.

O Rabo de Galo é um restaurante onde o cardápio tem o frango como ingrediente principal. Mas a atmosfera vai além disso, a ideia é passar a sensação de uma reunião de amigos, com música, drinks e uma lareira. A atmosfera já começa a ser construída com o tamanho do local, que tem uma capacidade de apenas 36 pessoas, passando a ideia de exclusividade e intimidade, como se de fato fosse uma reunião de amigos íntimos. O ponto alto do ambiente se encontra no forro côncavo com uma pintura azulada de estrelas, como se fosse uma noite fria, num encaixe perfeito com bar de granito iluminado de um lado da sala e o um painel que ilustra uma lareira logo acima de uma lareira real do outro lado da sala, trazendo a sensação de esquentar o ambiente que a pintura azul no forro esfriou, também recortado seguindo o desenho do forro. Não há nenhuma janela e a iluminação é bem reduzida. Nas paredes e prateleiras há diversos instrumentos musicais como decoração e ao centro do espaço um piano. Tudo se

conversa em um ambiente harmônico, que conta uma história através dos detalhes do projeto arquitetônico e de design de interiores.

Figura 21, 22, 23 e 24: Restaurante Rabo de Galo em Hotel Rosewood, SP



Fonte: Autorial

Já o restaurante Casa da Vovó traz uma atmosfera completamente distinta da anterior, mesmo fazendo parte do mesmo hotel. É um ambiente cheio de janelas, com uma iluminação natural altíssima. Existem vários modelos de poltronas grandes no estilo de poltrona de vovó. Abajures clássicos estão espalhados pelo espaço e o que mais chama atenção são as paredes, que são compostas por diversos desenhos feitos por um artista, inspirado em desenhos infantis, como se os netos da Vovó desenhasssem nas paredes de sua casa. O ambiente mais claro e aconchegante.

Figura 25, 26, 27 e 28: Restaurante Casa da Vovó em Hotel Rosewood, SP



Fonte: Autoral

Um hotel, dois restaurantes, duas atmosferas.

## D) PISCINAS

Voltando a análise do resort em questão, passamos para as piscinas. Se as grandes atrações naturais são a praia, vegetação e o rio que corta o resort, a maior atração construída, com toda certeza, são as áreas das piscinas. São nelas que a grande maioria dos hóspedes passam longas horas de seus dias durante a estadia.

Há duas áreas de piscina, com duas escalas e objetivos completamente diferentes. Uma se localiza antes das pontes que atravessam o rio, se trata das piscinas aquecidas. A atmosfera criada neste ambiente é algo mais calmo e relaxante, onde não há sequer local para uma banda, apenas uma música ambiente. Até pelas dimensões, fica claro que é um espaço mais exclusivo, composto por duas piscinas que totalizam cerca de 254 metros quadrados. O que se relaciona bastante com o ponto "degraus de intimidade", onde Zumthor procura destacar a relação que o corpo humano tem com o corpo dos edifícios e como é que isso afeta a nossa experiência. Segundo ele, é interessante perceber como a proporcionalidade ou desproporcionalidade da escala pode ser usada nesse sentido, para nos intimidar, ou dar uma sensação de conforto, ou para nos enaltecer. Neste caso, a escala é reduzida, transmitindo a sensação de conforto e exclusividade.

Essa atmosfera fica logo na saída do SPA, quase como um complemento do serviço oferecido lá dentro ou um chamado para quem está fora. Ao redor, também se encontra a cafeteria Canoas, que serve desde drinks a cafés mais elaborados, acompanhados de doces e salgados. O mobiliário nas bordas desta piscina são ninhos e espreguiçadeiras, que ficam embaixo de caramanchões, que são pergolados de madeira de eucalipto, coberto por telhas termoacústicas e uma vegetação trepadeira. Mais uma vez o piso é em pedra natural cariri.

Figura 27: Piscina aquecida



Fonte: Autoral

Já a área de piscinas após a ponte, se trata da construção de uma atmosfera completamente diferente. A começar pela dimensão, já que estamos falando em mais de 865 metros quadrados somente de piscinas. De diversos tamanhos, formatos e profundidades. Na obra *Brain Landscape: The Coexistence of Neuroscience and Architecture*, o autor afirma que os humanos se conectam fisiologicamente e psicologicamente com formas mais complexas do que com formas mais planas. Por exemplo, curvas, diferentes texturas e detalhes nos provocam sensação de relaxamento. Observando a imagem abaixo, é possível enxergar com facilidade e aplicação desses conceitos.

Figura 28: Área de piscinas após as ponte



Fonte: Divulgação Amarante Hotéis

O piso de praticamente todo esse segundo complexo de piscina é um mix de pedra natural cariri e madeira, que se combinam em formatos orgânicos. Como foi falado antes, a pedra cariri é natural, e por isso, apresenta uma série de irregularidades de texturas e cores. A diferença da aplicação dela aqui e no restante do resort é o ganho com sensações. No restante do resort, os hóspedes estão calçados, mas na área da piscina é comum que estejam descalços, sendo possível sentir essas texturas. O arquiteto e ecologista austríaco Hundertwasser, tinha como premissa projetar conscientemente para os sentidos e promover experiência sensorial. Ele acreditava que dessa forma podemos nos conectar melhor com o mundo material e isso nos ajudaria a encontrar nosso lugar adequado nele, um caminho de autorreconhecimento e pertencimento. Para ele, a irregularidade do chão era uma melodia para os pés. Suas arquiteturas e seus interiores, era repleta de organicidade, assimetria e irregularidades como forma de aguçar novas interações entre espaço e usuário.

Cada uma das piscinas tem um objetivo específico dentro do complexo. E as decisões projetuais no local exato e entorno imediato que cada uma delas se encontra, foi um ótimo acerto e comunica bem esses objetivos. A atmosfera desta área de piscina como todo é mais agitada, com a presença de muitas atividades acontecendo ao mesmo tempo. Por se tratar de uma grande área com várias piscinas e pontos de consumo, fiz uma segmentação baseada nos objetivos de cada área e irei comentar cada um de maneira separada.

Figura 29: Segmentação da área de piscinas



● Área 1: Piscinas Infantis    ● Área 2: Piscina + palco    ● Área 2: Piscina relax

Fonte: Divulgação Amarante Hotéis, adaptado pela autora

**Área 1:** Se trata da parte infantil, onde há a presença de grandes brinquedos aquáticos bem coloridos. Dentro desta área, é possível notar ainda uma outra segmentação através da idade das crianças, onde uma área seria para crianças menores, e por isso as piscinas são muito rasas (quase como espelhos d'água) possuem brinquedos menos "radicais" e menores, além do revestimento desta piscina ser mais claro, reforçando a pouca profundidade, já que nesse contexto, cores escuras remeteriam a profundidade. E na outra piscina desta área, destinada a crianças maiores, existem brinquedos mais "radicais", mais altos, além das piscinas serem bem mais fundas e os revestimentos delas serem mais escuros e também comunicarem isso. Ao lado dessa área 1 há a presença de uma sorveteria, bem colorida e com o balcão mais baixo, para atender aos mini hóspedes. A atmosfera neste espaço é mais caótica, com crianças correndo e brincando, os grandes elementos nas piscinas infantis que se movimentam, lançam água e até mesmo as cores desses elementos são bem vibrantes e chamativas. O que faz total sentido, pois nesse momento, o público alvo (infantil) quer gastar todas as suas energias. Como foi mencionado anteriormente neste trabalho, diversão é algo subjetivo e varia de acordo com a pessoa. Nesse caso, a diversão é a maior forma de lazer, e a atmosfera tem que ser propícia a isso.

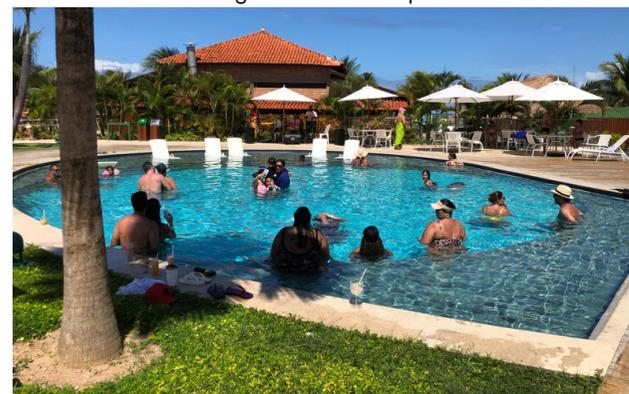
Figura 30 e 31: Piscinas infantis



Fonte: Divulgação Amarante Hotéis

**Área 2:** Se trata de uma área direcionada mais para jovens e adultos, que estão mais animados e querem aproveitar um show ao vivo na piscina. Projetar um ambiente que tem a música como uma das principais atrações, tem muita ligação com o conceito de criação de um espaço sensorial, atmosférico. Na música encontramos um bom exemplo de como os estímulos sonoros provocados pelas notas musicais se convertem na musical nos faz remeter para um determinado estado de espírito, podemos também então classificar o conjunto dessas características como atmosfera. Segundo Pallasmaa, "de entre as diversas formas de arte, a música é particularmente atmosférica - tem um impacto contundente nas nossas emoções e estados de ânimo, independentemente de quão pouco ou muito entendemos intelectualmente sobre estruturas musicais. [...] O fato de a música nos conseguir fazer chorar é uma prova convincente do poder emotivo da arte, bem como da nossa capacidade inata de interiorizar estruturas emotivas abstratas."

Figura 32: Piscina+palco



Fonte: Autoral

A área conta com um pequeno palco no próprio deck da piscina e com bares de apoio. O mobiliário ao redor desta área são mesas, cadeiras e guarda-sóis, visto que a intenção é reunir grupos para comerem, beberem e conversarem ao som de uma boa e animada música.

**Área 3:** Por fim, a última parte da área da piscina tem um objetivo de proporcionar uma experiência mais calma e relaxante. A piscina se localiza mais no canto deste complexo todo, há a presença de uma parede com pedras naturais e uma fina cascata que cai por entre essas pedras. Trazendo elementos naturais que, como já foi comentado antes, se um ambiente construído tiver conexão direta (neste caso mar, rio, fauna e flora) ou indireta com a natureza pode ajudar na diminuição do estresse, aumento do bem-estar pessoal e relaxamento.

Figura 33 e 34: Piscina relax



Fonte: Autorial

O mobiliário ao redor desta, auxilia na construção da atmosfera calma. Sofás e espreguiçadeiras acolchoadas, embaixo de pergolados em madeira de eucalipto, tudo isso em cima de um gramado verde, diferente do deck de madeira e pedra natural de cariri que reveste o restante das outras áreas das piscinas. A mudança da textura do piso, marca a mudança da atmosfera. Os hóspedes, que estão descalços, antes sentiam o chão mais quente por causa do cariri, e só de pisar na grama mais fria já sentem um alívio e maior conforto.

Figura 35: Gramado piscina relax



Fonte: Autorial

A música, que como mencionado anteriormente também é um fator muito importante na construção de uma atmosfera, não é mais a do show ao vivo que se passa na área 2. Pela distância do palco, não se escuta mais ela, e agora a música vem das caixas de som ao redor do gramado com músicas mais baixas e calmas.

## E) TENDA DE EVENTOS

Este espaço é um dos mais recentes dentro deste resort. Após notar uma grande quantidade de ressalvas nas pesquisas de satisfação dos hóspedes, a implantação da tenda de eventos, nomeada de Espaço Cabanos, veio em forma de uma expansão para dar mais uma opção de lazer no período noturno ou dias chuvosos.

A atmosfera criada é marcada por uma entrada com um trato paisagístico bem feito, trazendo esse bem estar através dos conceitos de biofilia já mencionados algumas vezes neste trabalho. A coberta é o ponto alto do projeto, proporcionando um pé direito altíssimo e vãos de ponta a ponta, sem a presença de pilares no meio do espaço, o que é ideal para a visibilidade do grande palco ao fundo, uma meia lua em madeira desde o piso, até seu fechamento fronta. Pilares esses em estrutura metálica aparente e a coberta uma lona tensionada, que é mesclada entre o material mais forte porém opaco, e um material mais frágil porém translúcido, permitindo a passagem da luz natural. O piso é marcado por uma nova textura, até então não utilizada no restante do resort, um emborrachado com diferentes cores. O bar de apoio dentro da tenda possui seu balcão revestido externamente por uma combinação de estrutura metálica e pedras naturais. Eu nem terminei de mencionar todos os materiais que estão presentes neste espaço e já deu para notar a consonância de materiais, que é justamente o segundo dos nove temas que Zumthor se debruça ao estudar sobre criação de atmosferas. Este é um dos principais pontos fortes na arquitetura de Peter Zumthor, e não há como discordar, já que a arquitetura se faz com materiais, e que são os materiais que direta ou indiretamente se relacionam com os nossos órgãos sensoriais, e que conseqüentemente comunicam conosco na experiência vivida da arquitetura.

Figura 36: Espaço Cabanos



Fonte: Autorial

Figura 37: Bar Espaço Cabanos



Fonte: Autorial

Há também uma diversidade de mobiliários neste ambiente, que seguem a mesma ideia de utilizar materiais diversos. Como as mesas e cadeiras e numa espécie de plástico mais grosso e emborrachado, módulos de "arquibancadas" acolchoados, poltronas redondas no mesmo material das mesas e cadeiras, bancos que misturam concreto e madeira e mobiliários com cordas náutica.

A utilização desses materiais artificiais, como a estrutura metálica, a lona da coberta, o emborrachado do piso e os diversos outros dos demais mobiliários mencionados, deixa claro que se trata de um projeto recente dentro do complexo hoteleiro, por serem soluções relativamente recentes no mercado, mas também por fugirem dos padrões construtivos e de acabamentos encontrados nos demais ambientes do resort. Mas a utilização dos materiais naturais, de maneira que se complementam com os artificiais já mencionados (inclusive o banco, que em um único mobiliário engloba um material natural -madeira- e um artificial -concreto), permite que o hóspede continue reconhecendo aquele ambiente como parte do restante do resort, sem que fuja da "identidade visual" conectada com a natureza já estabelecida a partir de todos os outros ambientes.

Foi comentado sobre o grande pé direito desta tenda, que por um lado é ótimo para conforto acústico dos usuários, além de também proporcionar a sensação de amplitude e grandiosidade do local, por ser um local para shows, faz parte da atmosfera. Mas levando em consideração a subjetividade de cada indivíduo, um ambiente amplo pode ser atrativo para aqueles que querem aproveitar ao show, mas também pode intimidar usuários (segundo tema de Peter Zumthor sobre degraus de intimidade) que por exemplo não queiram assistir a um show, mas sim sentar com seus amigos, ouvindo uma música de fundo e tomando uma cerveja. Para isto, foi criada uma área com espécies de bangalôs de madeira com um jogo de poltronas e mesa

de apoio, mesmo que sem nenhum tipo de coberta, apenas para criar essa ideia de caixa, de pertencimento a um ambiente interno, como Zumthor menciona em seu sétimo tema, a tensão entre interior e exterior. Ele reflete o jogo entre o domínio individual e privado e o domínio público, entre a sensação de abrigo e segurança e a sensação de estarmos expostos e vulneráveis. Nas suas palavras "é com isto que a arquitetura trabalha". Esta é, talvez senão, a tarefa mais básica e primordial da arquitetura, de constituir uma espécie de invólucro protetor que nos reúne e forma uma barreira entre o interior e o exterior, e que tem a capacidade de pontuar essa relação de acordo com a nossa intencionalidade. Peter ainda menciona: "Na arquitetura retiramos um pedaço do globo terrestre e colocamo-lo numa pequena caixa. E de repente existe um interior e um exterior. Estar dentro e estar fora. Fantástico."

Figura 38: Bangalôs da tenda



Fonte: Autoral

## F) UNIDADES HABITACIONAIS

Por último, chegamos às unidades habitacionais, o ambiente mais íntimo para os hóspedes durante sua estadia. Aquele que deve proporcionar o nível máximo de conforto, que é gerada tanta expectativa, a ponto de ter virado uma forma de elogio: "esse quarto é tão bom que parece de hotel". Após um longo dia de muito sol, piscina, praia, shows, comidas e bebidas, a chegada ao quarto é quase como a cereja do bolo do dia perfeito no que muitos chamam de paraíso. Que ele deve proporcionar conforto, relaxamento e calma, é óbvio. Mas qual a melhor forma de fazer isso através das escolhas arquitetônicas neste ambiente?

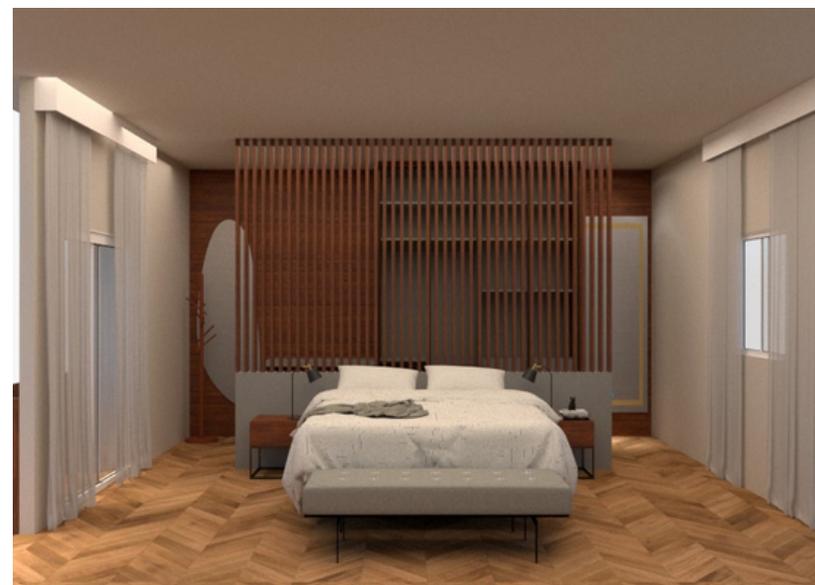
Em setembro deste ano (2022), tive a oportunidade de visitar o stand da arquiteta Cris Paola durante a feira de hotelaria Equipotel em São Paulo. Ela é arquiteta formada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, e tem mais de 30 anos de experiência em arquitetura e design de interiores. Domina as particularidades da arquitetura voltada para sensações do usuários, possui pós graduação em neuroarquitetura e por isso apresentou em seu stand, na feira, o projeto da Suíte Design, um projeto de uma suíte de hotel que além dos conceitos de estética e beleza da arquitetura, também traz estudos e aplicações de conceitos da neuroarquitetura. Além de conhecer e sentir o espaço presencialmente, também consegui conversar com ela para entender de que forma ela aplicou esses conceitos.

Dentro do espaço existem elementos que são sentidos com os cinco sentidos, a fim de proporcionar bem-estar. Os tons trazidos são neutros, mas não necessariamente branco, já que o branco é uma cor fria, trazendo uma sensação de friidez. Ela comentou que quando entramos em um ambiente, 80% do que percebemos é através da visão. Este sentido vai rastrear o ambiente e nosso cérebro será bom-

bardeado de informações captadas. Uma dessas análises feitas pela visão está na simetria e profundidade. Quando avistamos um ambiente simétrico, nosso cérebro interpreta que estamos no controle daquela situação. Além disso, possibilitar que o usuário enxergue o máximo possível do ambiente sem a presença de barreiras visuais também é fundamental para transmitir a sensação de controle, permitindo que o copo entre em um estado de relaxamento e não de alerta. Em seu protótipo de quarto no stand, ela utiliza um painel pergolado de madeira atrás da cama, de forma que mesmo existindo uma barreira física, também existe essa profundidade de visão através dessa transparência.

Observação: Como havia um grande fluxo de pessoas no stand, as fotos que tirei acabaram ficando confusas. Optei pela utilização de renderes disponibilizados pela arquiteta para melhor entendimento.

Figura 39: Painel pergolado stand Cris Paola



Fonte: Cris Paola

O ambiente possui um layout de maneira que convida o hóspede para que circule em seu perímetro a fim de conhecê-lo por completo.

Figura 40: Stand Cris Paola



Fonte: Cris Paola

A arquiteta ainda comenta sobre o ciclo circadiano que todo ser humano tem naturalmente, onde do nascer do sol até o entardecer, é quando somos mais produtivos, pois nosso corpo se guia pela luz natural. Com o advento da iluminação elétrica, é comum que esse ciclo acabe ficando desregulado pois com uma iluminação intensa a todo tempo, o corpo é enganado e acaba "perdendo a hora do descanso", ficando ativo por mais tempo do que devia. Ela indica que em um ambiente voltado para o descanso, deve ser trabalhada uma luz mais amarela, mais diminuída e indireta, para que o nosso organismo entenda que estamos começando a diminuir nossas atividades e que se possa ter uma boa noite de sono. Assim como janelas e portas anti ruídos (com tratamento acústico), cortinas blackout, pois o melhor sono é aquele em que temos o escuro total. Ao entrar no ambiente projetado pela arquiteta, percebe-se o carpete e automaticamente o cérebro recebe a informação de "quentinho", além dos sapatos não fazerem mais barulho.

Outra observação feita por Cris em seu projeto, foi sobre ter os espaços muito bem definidos, ela mencionou: "o que é armário é armário, o que é quarto é quarto e o que é sala é sala". Assim como já falei diversas vezes nesse trabalho, ela também fala da importância de trazer conceitos de biofilia para dentro da unidade habitacional, com a utilização de elementos naturais sejam ele cores, texturas e as próprias plantas, pois quando estamos em contato direto com a natureza o ser humano relaxa.

Depois da visão, o segundo sentido que mais percebemos é o tato, então as texturas foram trabalhadas de diversas formas dentro deste ambiente. Na peseira, na almofada, nos mobiliários e no quadro. Ao ver algum objeto, nosso cérebro já tenta decifrar sua textura de acordo com experiências anteriores, e a confirmação dessas percepções vem através do tato.

Figura 41: Almofadas stand Cris Paola



Fonte: Autoral

Ela finalizou nossa conversa afirmando que para muitos clientes e arquitetos, o belo era visto como centro do projeto, mas que atualmente isso não acontece bem assim, e o usuário ocupa cada vez mais o centro do projeto na visão dos clientes e profissionais, valorizando tanto a saúde mental quanto a saúde física.

A minha intenção em trazer o quarto protótipo de Cris Paola não foi usá-lo como um gabarito, de forma que para um quarto seguir os conceitos na neuroarquitetura, ele precisa ser uma cópia deste. Mas sim, mostrar uma das várias formas de aplicar esses conceitos, e que não precisa ser algo complexo.

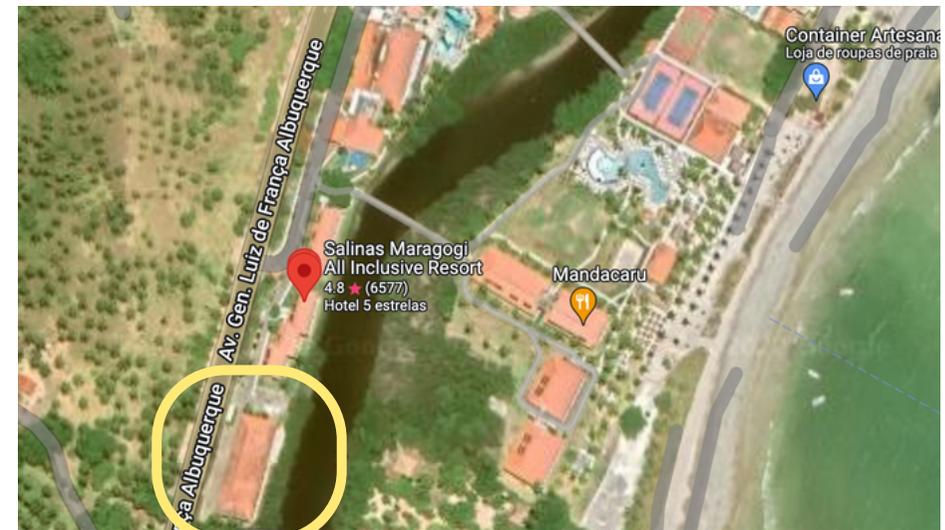
Ter tido esta oportunidade de experienciar um stand que abriga o protótipo de um quarto com decisões projetuais baseadas em estudos da neurociência foi essencial para que eu pudesse comparar com as decisões feitas nos quartos do resort em estudo. Atualmente, no Salinas Maragogi, existem algumas categorias de quarto, mas estas variam de acordo com a localização do bloco e capacidade de pessoas no quarto. Quando agrupamos as unidades habitacionais levando em consideração as decisões projetuais em relação a acabamentos, texturas e outros itens relevantes para a neuroarquitetura, temos apenas dois tipos de quarto:

- Os quartos mais antigos, construídos no começo do empreendimento, que foram retrofitados durante o fechamento do hotel na pandemia do coronavírus;
- E os quartos do mais novo bloco do resort, o Bloco Vitória Régia, inaugurado em 2021 com 42 novos quartos que trouxeram um conceito mais moderno e inovações em relação aos quartos que já existiam neste resort.

A título de estudo, escolhi analisar este último, os quartos mais novos. Pois traz uma visão mais atualizada a respeito das decisões projetuais em relação às unidades habitacionais dentro deste resort.

Antes de entrar nos detalhes da unidade habitacional em si, é importante mencionar a atmosfera que precisou ser criada em seu entorno. O bloco em que os quartos estão inseridos já existia no resort, mas era um antigo espaço para eventos desativado. Um projeto que aproveitou a estrutura existente foi feito, mas o desafio estava no entorno que marcava a chegada ao bloco. Além do bloco ser muito longe do restante da estrutura do resort, ele fica muito próximo ao limite do terreno, e se situa entre o rio que corta o empreendimento e a BR.

Figura 42: Localização bloco Vitória Régia



Fonte: Google maps, adaptado pela autora

O projeto conta com unidades habitacionais voltadas tanto para o rio, como também para a BR, e aí entra o desafio: criar uma vista agradável que consiga mascarar a presença de uma via de alto fluxo de carros e caminhões. Além disso, era preciso existir algo tão atrativo neste bloco (além dos quartos), que a caminhada para chegar e sair dele valesse a pena.

A solução encontrada foi um trato paisagístico paradisíaco, que contou até com um lago artificial. Ao abrir a varanda, o hóspede dificilmente sabe que está praticamente ao lado da BR. Aqui, os conceitos da biofilia tem um grande destaque, proporcionando essa vista, esse contato com a natureza e ainda ajudando no tratamento acústico além das esquadrias acústicas presentes em todos os quartos.

Figura 43, 44, 45 e 46: Paisagismo bloco Vitória Régia



Fonte: Divulgação Amarante Hotéis



Assim que o usuário cruza a porta de entrada da unidade habitacional, se depara com um piso vinílico que imita a madeira. A escolha desse material não é a ideal para este ambiente quando nos baseamos nos conceitos da neuroarquitetura. Por este material ter uma elevada condução térmica, e não ter sido inserida a tecnologia de aquecimento do piso, após um período com o ar condicionado ativo, o piso fica gelado ao toque dos pés. O fato de imitar a madeira é positivo, tanto na cor como nas texturas. Tanto por estar trazendo a ideia de um elemento da natureza para dentro do quarto, como também pela exploração de diferentes texturas.

Falando das paredes, há uma certa diversidade de revestimentos (ponto positivo por explorar diferentes texturas). A figura abaixo capta bem as texturas envolvidas neste quarto.

#### **Vinílico amadeirado:**

A mesma escolha do piso sobe para as paredes, construindo a cabeceira das camas e transmitindo a sensação de continuidade. Considero a escolha de uso na parede como um acerto, pois tem os mesmo benefícios em relação a biofilia e texturas encontradas do uso no piso, mas por ser na parede, não vai haver um choque térmico nos pés.

Figura 47: Unidade Habitacional bloco Vitória Régia



#### **Cimento queimado:**

De acordo com meus estudos, não considero esta escolha um acerto. Além de se tratar de uma cor fria, remete a um design de interiores rústico, fugindo da ideia do contato com a natureza que todo o resort se propõe a fazer e que foi tão bem trabalhado no exterior do bloco.

#### **Parede branca:**

Como foi mencionado por Cris Paola, a escolha de paredes brancas em uma unidade habitacional não é recomendado, por se tratar de uma cor fria, trazendo friquidez ao ambiente. A substituição dessa cor por tonalidades de fundo amarelo é mais assertiva quando a intenção é proporcionar relaxamento e descanso..

Fonte: Divulgação Amarante Hotéis adaptado pela autora

A iluminação do quarto é bastante adequada para o uso, tendo sido aplicada em sua grande maioria de maneira indireta com o auxílio do forro, da cabeceira e dos próprios espelhos, que receberam fitas de led os contornando. Porém, também foi pensado em uma iluminação direta para leitura, proporcionada pela luminária ao lado da cama.

Figura 48: Unidade Habitacional bloco Vitória Régia - iluminação

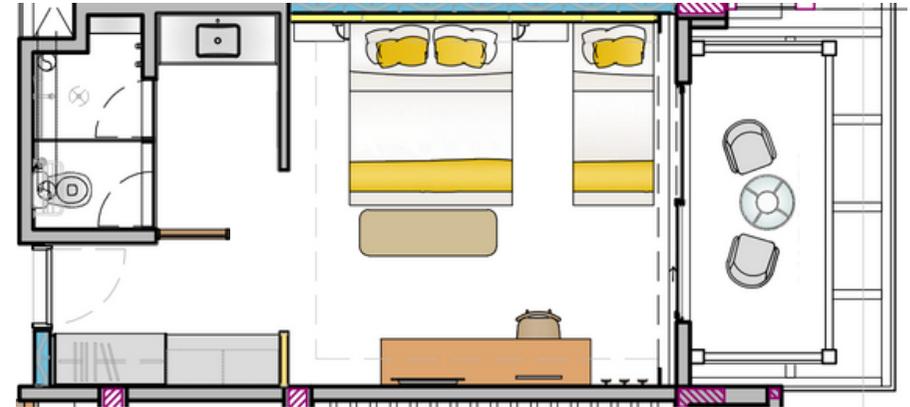


Fonte: Divulgação Amarante Hotéis

O layout dos quartos não surpreende, seguindo o padrão de hotelaria, com lâminas retangulares que criam um corredor na entrada entre o WC e o guarda-roupas. Este layout não permite a circulação dos hóspedes para conhecer o espaço, visto que ao abrir a porta, todo o quarto já foi revelado. Portanto, a escolha do painel ripado de madeira que substitui a parede do banheiro no corredor de entrada foi, na minha percepção, um

grande acerto. Pois auxilia que este corredor fique mais amplo, mesmo tendo as mesmas dimensões através da criação de profundidade (mesma estratégia que Cris Paola utilizou em seu projeto).

Figura 49: Planta baixa do layout dos quartos do bloco Vitória Régia



Fonte: Escritório de arquitetura DWG

Figura 50: Painel ripado dos quartos do bloco Vitória Régia



Fonte: Divulgação Amarante Hotéis

Por fim, acredito que esta estratégia também poderia ter sido utilizada na parede que separa o quarto do WC, promovendo essa integração dos ambientes com a transparência mesmo com barreiras físicas.

Figura 51: Paredes WC dos quartos do bloco Vitória Régia



Fonte: Divulgação Amarante Hotéis adaptado pela autora

# Conclusão

Como dito no primeiro capítulo, o objetivo deste trabalho foi **relacionar as decisões projetuais arquitetônicas à percepção dos hóspedes durante sua vivência e experiências em resorts**. Como também já havia dito, o meu objeto de estudo foi um projeto que possui uma **ligação profissional**, portanto, algo que tenho uma certa **intimidade e proximidade**.

Há cerca de dois anos, quando fiz a primeira visita técnica ao Salinas Maragogi, cheguei em casa e conversando com minha família, eu não sabia muito bem como me expressar, mas usei as palavras: "É um paraíso, parece que você está em outro lugar no mundo. A energia é diferente, as pessoas são até mais educadas". Eu ainda não sabia, mas eu estava falando de **atmosfera**. Eu senti o impacto de estar em uma atmosfera muito bem construída, onde todos os detalhes foram pensados para me passar exatamente aquela sensação que tive.

Ao longo desses dois anos, frequento semanalmente o resort Salinas Maragogi a trabalho, mas foi somente durante o desenvolvimento desta monografia que comecei a enxergar este lugar com uma outra lente, uma lente mais **conceitual, detalhista** e de certa forma **poética**. Quando comecei a entender a forma que cada detalhe dentro do projeto impacta de maneira positiva ou negativa na construção de uma atmosfera e até mesmo o que é uma atmosfera, me senti **mais completa como futura arquiteta**.

Foi muito interessante e importante ver minha **evolução** em relação a percepção a cada capítulo escrito, principalmente se tratando do meu objeto de estudo. A cada semana que eu voltava no empreendimento e fazia o mesmo roteiro de sempre, passando pelos mesmos ambientes, eu entendia como aquela decisão projetual, que na semana anterior parecia algo aleatório, na verdade era **importante** para fazer o hóspede sentir o que eu senti na primeira vez que fui lá.

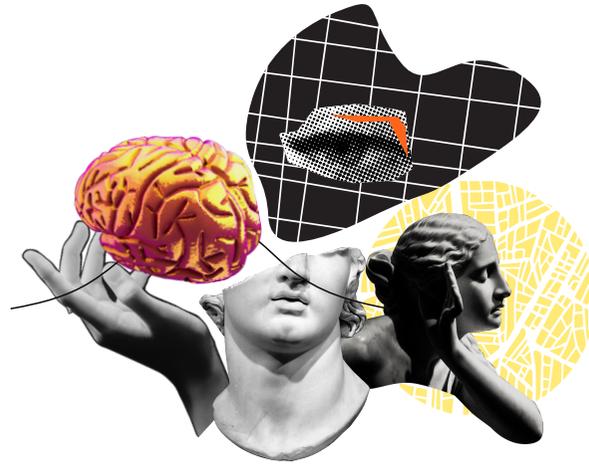
Muitas vezes em sala de aula, as disciplinas teóricas não fizeram muito sentido para mim. Parecia algo distante e complexo de ser aplicado, como se nunca fosse fazer parte da minha vida profissional e pessoal. Desenvolver este trabalho me provou o contrário. E, sem dúvidas, foram conceitos e metodologias (principalmente a de criação de atmosferas de Peter Zumthor) que vão me acompanhar sempre nos meus **projetos** e na minha **percepção** em qualquer lugar que eu frequentar, sempre atenta aos detalhes e decisões projetuais e de que forma elas impactam naquele ambiente que eu estiver inserida e na minha percepção a respeito dele.

*Marcela Luiza B. Ferreira*

# Referências Bibliográficas

- PALLASMAA, Juhani in: BORCH, Christian (Ed.), et all – **"Architectural Atmospheres: On the Experience and Politics of Architecture"**, 2014
- PALLASMAA, Juhani, – **"The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses"**. Chichester: John Wiley & Sons Ltd, 2005 (1996)
- ZUMTHOR, Peter – **"Thinking Architecture"**. Basileia: Birkhäuser Verlag, 2006 (1998)
- ANDRADE, Nelson; DE BRITO, Paulo; JORGE, Wilson. **Hotel: Planejamento e Projeto**. 2ª edição. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2009
- VIEIRA, Álvaro Siza – **"Imaginar a Evidência"**. Lisboa: Edições 70, 2000 (1998)
- VIEIRA DUARTE, Vlado. **Administração de sistemas hoteleiros - conceitos básicos**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1995
- MAIOLI, Juliana. **Neuroarquitetura reforça prazer de estar em determinados ambientes**. Estado de Minas: Saúde, 2022. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2022/06/05/interna\\_bem\\_viver,1370401/neuroarquitetura-reforca-prazer-de-estar-em-determinados-ambientes.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2022/06/05/interna_bem_viver,1370401/neuroarquitetura-reforca-prazer-de-estar-em-determinados-ambientes.shtml). Acesso em:15/07/22
- GONÇALVES, R; PAIVA, A. **Triuno: Neurobusiness e qualidade de vida**. 3. ed. Clube de autores, 2018
- HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa Port.: Edições 70, 2014
- DIAS, RICARDO. **ATMOSFERAS: A EXPERIÊNCIA NA OBRA DE PETER ZUMTHOR**, 2018
- VASCONCELLOS, Márcio. **O menino e a arraia: a trajetória de vida e de sucesso do fundador do Salinas All Inclusive Resorts**. São Paulo: Editora Biografia, 2017
- GARCIA, Sueli. **Fenomenologia e experiências sensoriais em Interiores**. 2021. Disponível em: <https://revistaintramuros.com.br/fenomenologia-e-experiencias-sensoriais-em-interiores/>
- GARCIA, Sueli. **Arquitetura do Espaço Cenográfico**. São Paulo, Blucher Acadêmica, 2011. Fenomenologia – Corpo e espaço I – 2019. Disponível em: <http://abd.org.br/fenomenologia-corpo-e-espaco-i>. Acesso em 08.01.2020.
- COCCIA, Emanuele. **A vida sensível**. Florianópolis, Cultura e Barbárie, 2010.
- SILVA, Maria de Lourdes. **A intencionalidade da consciência em Husserl**. **Periódico Argumentos**, Ano 1, N°.1 – 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18920/29641>

- Lent, R. **100 bilhões de neurônios. Conceitos Fundamentais de Neurociências**. Atheneu, 2001.
- MALLGRAVE, Harry Francis. **Arquitetura e Incorporação. As Implicações das Novas Ciências e Humanidades para o Design**. edit: Routledge, 2003
- HOLL, Steven; “**A conversation with Steven Holl**” por Alejandro Zaera; in El Croquis nº78 Steven Holl; Madrid
- Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBCClass). **Cartilha de Orientação básica**. 2ª edição. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- <https://embratur.com.br/historia/> 28/06/22
- <https://www.abih.com.br/posts/?dt=estatuto-social-Y0Jqd0dxU1p0bmhsR2ZMWmk3ZUJhZz09> 28/06/22
- gov.br. Ministério do Turismo. gov.br, 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/pt-br/orgaos/ministerio-do-turismo#:~:text=Minist%C3%A9rio%20do%20Turismo%20\(MTur\)&text=%C3%93rg%C3%A3o%20do%20governo%20federal%20que,investimentos%20proporcionando%20a%20inclus%C3%A3o%20social](https://www.gov.br/pt-br/orgaos/ministerio-do-turismo#:~:text=Minist%C3%A9rio%20do%20Turismo%20(MTur)&text=%C3%93rg%C3%A3o%20do%20governo%20federal%20que,investimentos%20proporcionando%20a%20inclus%C3%A3o%20social). Acesso em: 12/06/2022.
- Portal brasileiro de dados abertos .Ministério do Turismo - MTur. dados.gov.br. Disponível em: <https://dados.gov.br/organization/about/ministerio-do-turismo-mtur>. Acesso em: 12/06/2022.
- [https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2022/06/05/interna\\_bem\\_viver,1370401/neuroarquitetura-reforca-prazer-de-estar-em-determinados-ambientes.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2022/06/05/interna_bem_viver,1370401/neuroarquitetura-reforca-prazer-de-estar-em-determinados-ambientes.shtml)
- <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/bem-estar/neuroarquitetura-uma-nova-forma-de-pensar-os-espacos,a627971d771aa5aa85efe8c80940e264q2zsf9hg.html>
- <https://revistaintramuros.com.br/fenomenologia-e-experiencias-sensoriais-em-interiores/>



*Obrigada.*

**MARCELA FERREIRA**